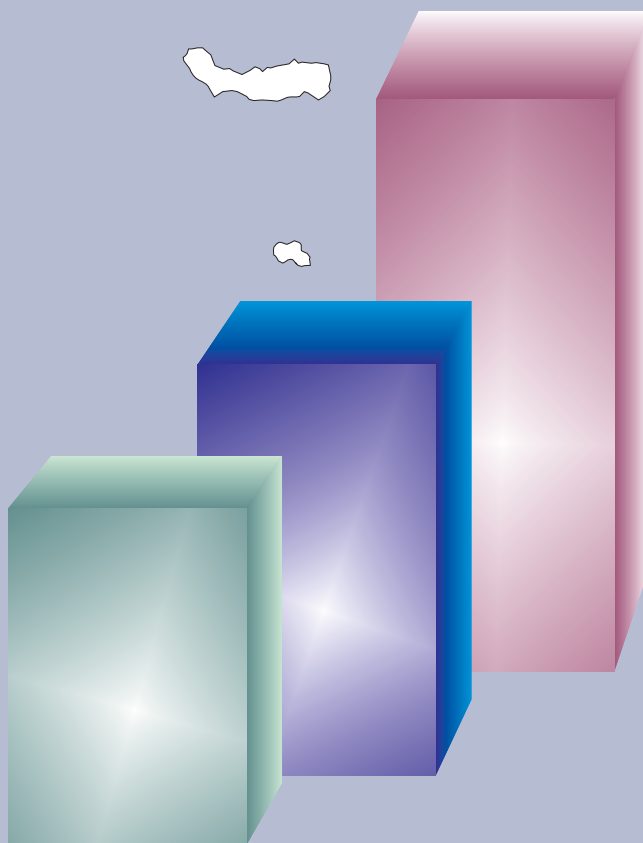
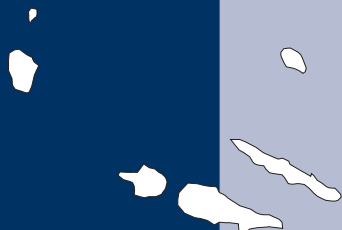




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

Situação Socioeconómica 2013



novembro

15/2014

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	5
0. Contas Regionais.....	7
1. População	11
2. Mercado de Trabalho	15
3. Preços no Consumidor	19
4. Moeda e Crédito.....	21
5. Finanças Públicas	27
6. Agricultura	31
7. Pescas.....	37
8. Energia.....	41
9. Comércio com o Estrangeiro	45
10. Turismo	47
11. Transportes	51
12. Educação	55
13. Desporto.....	59
14. Cultura	61
15. Saúde.....	63
16. Segurança Social	67
17. Sociedade da Informação	71

INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/

DRPFE, novembro de 2014

0. CONTAS REGIONAIS

Em 2012, último ano com informação sobre as contas da Região, o resultado preliminar do PIB na Região Autónoma dos Açores foi estimado no montante de 3 569 milhões de euros a preços de mercado. Este montante representa uma variação nominal de -3,5 %, em relação ao ano anterior, enquanto o decréscimo nominal registado no PIB Nacional se traduziu em -3,9%.

Em termos reais, a Região Autónoma dos Açores foi das regiões do país que apresentaram a evolução menos negativa em 2012, com um decréscimo real do PIB na ordem dos -3,0%.

O PIB nacional em termos reais registou uma variação de -3,2%.

O nível de riqueza médio, medido pelo rácio do PIB per capita, correspondeu a 14,6 mil euros anuais por pessoa, o que também representa uma variação, em termos nominais, significativamente próxima à da própria produção.

Produto Interno Bruto (Base 2006) a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

	Açores	País	Açores/País %	PIB per capita (mil euros)	PIB per capita (País=100)	PIB per capita (UE27=100)
1995	1 684	87 841	1,92	7,1	81	62
1996	1 778	93 216	1,91	7,5	81	62
1997	1 904	101 146	1,88	8,0	80	63
1998	2 105	110 377	1,91	8,9	82	65
1999	2 321	118 661	1,96	9,8	84	68
2000	2 456	127 317	1,93	10,4	83	68
2001	2 694	134 471	2,00	11,4	87	70
2002	2 883	140 567	2,05	12,1	89	71
2003	2 990	143 472	2,08	12,5	91	72
2004	3 099	149 313	2,08	12,9	91	70
2005	3 241	154 269	2,10	13,4	92	73
2006	3 390	160 855	2,11	14,0	92	73
2007	3 549	169 319	2,10	14,6	91	72
2008	3 689	171 983	2,14	15,1	93	73
2009	3 650	168 529	2,17	14,9	94	76
2010	3 743	172 860	2,17	15,3	94	75
2011Po	3 714	171 126	2,17	15,2	94	73
2012Pe	3 569	165 108	2,16	14,6	94	71

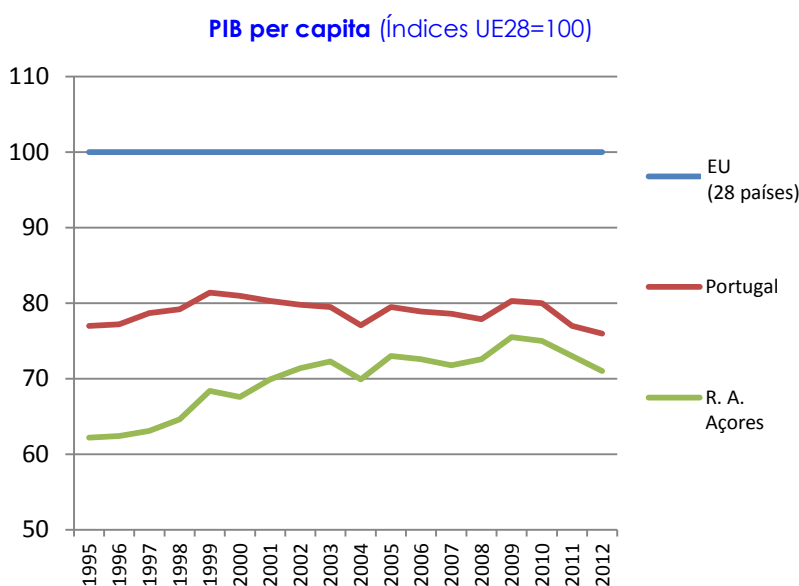
Po = Resultados provisórios.

Pe = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Em termos de intensidade média de crescimento a evolução das atividades produtivas na Região Autónoma dos Açores compara-se à do país no seu conjunto.

De facto, os desempenhos económicos em ambos os espaços contraíram-se com ritmos e contextos significativamente semelhantes, expressando-se em índices do PIB per capita tendencialmente próximos.



A evolução da produção global pode ser observada a partir de componentes mais significativas que o cálculo do VAB por ramos de atividade permite.

Em termos de evolução nos últimos anos conhecidos, tem-se verificado que o decréscimo nominal de produção se foi alargando a diversos ramos de atividade (decréscimos com características recessivas).

Entretanto, centrando a atenção nos dados durante o ano de 2012, verifica-se que se alguns continuaram a regredir, outros superaram os respetivos dados do ano anterior. No primeiro caso, para além da evidência no ramo da construção, destaca-se o conjunto de sectores públicos e serviços diversos. No segundo caso, destacam-se exemplos de produção em atividades do primário e de indústrias e energia.

VAB por Ramos de Atividades Económicas

Unid.: milhões de Euros

	Total	Primário	Industrial e Energia	Construção	Comercial Transportes e Turismo	Financeiro, Imobiliário e Técnico	Públicos e Outros serviços
1995	1 482,0	196,3	105,0	129,4	385,8	227,7	437,7
1996	1 559,0	204,2	112,8	129,9	406,4	229,4	476,5
1997	1 673,2	203,2	124,4	147,9	432,1	248,7	517,0
1998	1 840,0	218,9	152,2	167,1	472,5	261,4	567,8
1999	2 022,2	251,0	160,7	171,2	528,7	291,6	618,9
2000	2 151,5	252,4	177,6	174,7	558,5	306,1	682,2
2001	2 362,6	252,5	185,2	216,5	622,8	332,4	753,2
2002	2 520,1	266,6	205,4	224,7	667,2	342,4	813,8
2003	2 610,3	268,4	219,3	211,4	704,9	374,2	832,0
2004	2 705,1	276,9	230,0	226,4	740,7	376,0	855,1
2005	2 801,9	278,4	242,8	217,3	771,9	399,8	891,8
2006	2 915,9	273,7	260,5	220,6	811,9	423,2	926,1
2007	3 064,4	250,3	288,4	245,8	838,2	449,6	992,1
2008	3 202,6	276,4	297,0	257,7	865,7	490,9	1 015,0
2009	3 221,5	273,2	299,8	226,3	875,5	472,6	1 074,1
2010	3 279,4	285,1	327,4	206,7	890,7	483,7	1 085,9
2011P _o	3 241,9	293,1	324,2	191,8	880,5	486,2	1 066,2
2012P _e	3 122,4	299,0	328,7	159,0	877,0	487,4	971,3

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

À medida que se vêm acrescentando dados sobre a FBCF, vão-se revelando elementos associáveis a funções mais gerais de ordem económica e, também, a sensibilidade conjuntural em termos de variações ou flutuações cíclicas.

Setores de serviços e associáveis a infraestruturas assumem dimensões e incidências com significados específicos, enquanto outros revelam maior associação a contextos correntes de atividade económica.

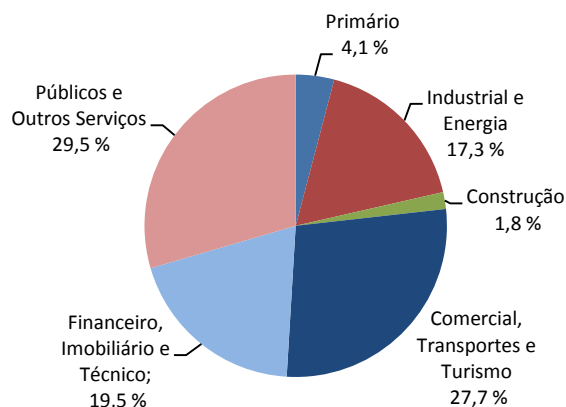
Os últimos dados para 2011 continuam a mostrar que, no contexto de decréscimo do total da FBCF a partir do ano de 2007, mesmo em termos nominais, alguns ramos seguem uma trajetória que se aproxima da linearidade, enquanto outros revelam mudanças e variações com intensidades expressivas nos respetivos volumes.

FBCF - Formao Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

Anos	Primário	Industrial e Energia	Construo	Comercial Transportes e Turismo	Financeiro, Imobiliário e Técnico	Públicos e Outros serviços	Totais
2006	13,5	105,5	34,2	248,8	222,7	222,3	847,0
2007	25,6	108,1	51,6	396,0	229,1	227,5	1 037,8
2008	15,0	112,9	28,7	397,4	197,1	275,1	1 026,2
2009	18,3	169,8	19,2	220,5	224,7	319,4	971,8
2010	29,6	139,3	15,5	234,9	182,4	263,2	864,8
2011	27,9	118,8	12,6	190,0	133,9	202,1	685,3

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Distribuio da FBCF - % 2011

Os dados sobre rendimentos continuam a integrar-se, aparentemente, na regularidade dos anos anteriores, no que respeita a margem dos rendimentos disponíveis em relao aos respetivos rendimentos primários, obtidos pelos agentes econmicos nos processos produtivos.

Rendimentos

Unidade: Milhões de euros

	Rendimento Primário Bruto	Rendimento Disponível Bruto
2006	2 520	2 516
2007	2 570	2 595
2008	2 732	2 773
2009	2 743	2 798
2010	2 788	2 855
2011	2 779	2 846

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

1. POPULAÇÃO

No final do ano de 2013 a população residente nos Açores foi estimada pelo INE em 247.440 pessoas, o que representa um decréscimo de 109 indivíduos em relação ao ano anterior.

Este saldo demográfico anual decorreu, basicamente, do saldo fisiológico, estimando-se para o saldo migratório uma dimensão residual no mesmo período.

Com uma natalidade dentro da sua tendência de redução e o número de óbitos a registar um volume mais acentuado que o esperado, o saldo fisiológico traduziu-se num decréscimo de 102 pessoas, interrompendo o contributo positivo para a evolução demográfica que tradicionalmente vinha exercendo.

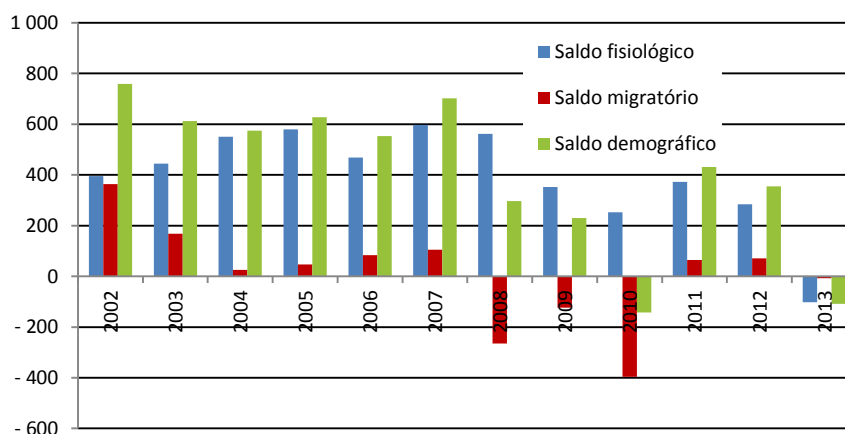
Evolução das Componentes dos Saldos Fisiológicos

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Nados vivos..	2 847	2 836	2 786	2 719	2 748	2 488	2 341
Óbitos.....	2 250	2 274	2 433	2 466	2 375	2 204	2 443

Fonte: INE, SREA.

O decréscimo do número de sete habitantes através do saldo migratório, no mesmo ano de 2013, além de assumir uma dimensão residual, diferencia-se significativamente do agravamento que vem atingindo para o conjunto do país nos últimos anos.

Decomposição da Evolução da População



A estrutura etária da população residente reflete, de alguma forma, os movimentos demográficos anteriores.

Na sequência de um saldo fisiológico a reduzir-se significativamente mais do que o migratório, o escalão etário da população em idade ativa (dos 15 aos 64 anos) aumentou a sua representatividade.

Em 2013, esta representatividade atingiu 69,8% do total da população residente.

Estrutura Etária da População

	%						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
População com menos 15 anos ...	19,1	18,8	18,6	18,3	17,9	17,5	17,2
População dos 15-64 anos	68,5	68,8	69,1	69,2	69,2	69,5	69,8
População com mais de 64 anos.	12,4	12,4	12,3	12,5	12,9	13,0	13,0

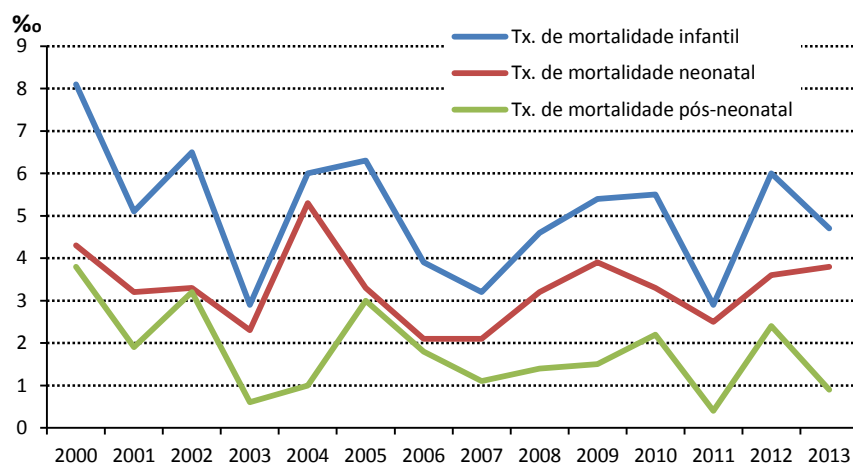
Fonte: - INE.

A mortalidade infantil nos últimos anos vem-se situando numa linha de tendência à volta de 5,0‰.

No ano de 2013, a taxa de 4,7‰ representa um valor significativamente próximo daquela linha de tendência, registando, todavia, decréscimo em relação ao ano anterior.

Este decréscimo ocorreu pela quebra registada na mortalidade pós-neonatal; no entanto, a mortalidade neonatal (óbitos de crianças com menos de 28 dias) registou um valor ligeiramente superior em relação a 2012.

Mortalidade Infantil



Em 2013, o número de 855 casamentos, voltou a representar um decréscimo em relação ao ano anterior.

Sobre divórcios e separações estão disponíveis os dados até 2012, tendo-se registado também decréscimos nesse ano.

Nupcialidade

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Casamentos ..	1 304	1 345	1 207	1 214	1 023	944	855
Divórcios	749	771	787	743	768	728	nd
Separações ...	2	7	8	3	9	6	nd

nd : não disponível

Fonte: - SREA.

2. MERCADO DE TRABALHO

A população ativa empregada durante o ano de 2013 correspondeu a um volume médio de 99,5 milhares de pessoas, representando uma variação de -2,7% em relação ao ano anterior, o que equivale a uma redução de 2 762 postos de trabalho em termos líquidos.

O desemprego agravou-se na ordem de 1 961 pessoas, correspondendo a uma proporção de 70% do volume daquela redução de postos de trabalho.

O volume de população inativa aumentou 691 pessoas, correspondendo a cerca de 25% do volume dos mesmos postos de trabalho destruídos.

A fração complementar (cerca de 5%) de fluxos de população entre diversos estados em relação ao mercado de trabalho situou-se no âmbito do volume da população total residente, nomeadamente através de fluxos migratórios que podem ter-se intensificado, mas cuja dimensão ainda depende de números que se venham a apurar entretanto.

Condição da População Perante o Trabalho

	2010	2011*	2012*	2013*
População Ativa	118 424	120 591	120 640	119 838
Empregada.....	110 286	106 743	102 221	99 459
Desempregada.....	8 139	13 848	18 419	20 380
População Inativa	127 505	125 504	125 823	126 514
Tx. de Atividade (%)	48,2	49,0	48,9	48,6
Tx. de Atividade Feminina (%) .	38,8	41,1	40,5	41,6
Tx. de Desemprego (%)	6,9	11,5	15,3	17,0

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Atendendo que, da população inativa, a doméstica continuou a reduzir-se e o número de estudantes no ano de 2013 também apresentou uma quebra, o aumento da população inativa total decorreu de números mais expressivos de reformados e outros inativos.

Populao Inativa

N Indivíduos

	2010	2011*	2012*	2013*
Populao Inativa	127 505	125 504	125 823	126 514
Estudantes	18 902	19 313	21 151	20 537
Domésticos.....	28 701	22 861	20 547	18 183
Reformados	25 532	16 890	15 427	16 700
Outros Inativos.....	54 370	66 440	68 698	71 097

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A reduo dos postos de trabalho segundo os sectores ocorreu no primário e no secundário, tendo sido parcialmente contrabalançados pela criao de 900 postos de trabalho no terciário.

Desagregando a informao sectorial por diversos ramos mais significativos, como indústrias transformadoras e construo ou, também, serviços mercantis e públicos, verifica-se que as principais variaes prosseguiram no sentido da tendência do ano anterior, mas a ritmos mais moderados. Efetivamente, os dados disponíveis apontam no sentido de que os volumes de emprego na construo e em serviços mercantis continuaram a ser os mais atingidos pela crise econmica, mas de uma forma mais moderada e próxima da média geral.

Populao Ativa Empregada por Setores de Atividade

%

	2010	2011*	2012*	2013*
Sector Primário.....	11,3	12,7	14,3	12,9
Sector Secundário.....	23,8	19,9	15,9	14,5
Sector Terciário	64,9	67,4	69,8	72,6
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0

* Nova série.

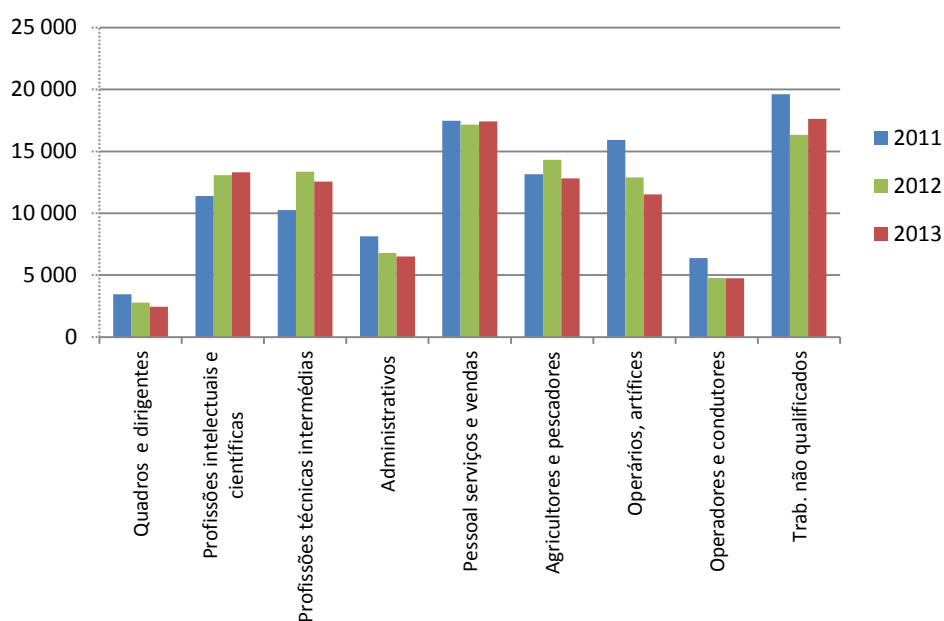
Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

As profissões na sua generalidade também foram afetadas pela evoluo no mercado de trabalho.

As profissões intelectuais e científicas registaram um acréscimo absoluto no volume de emprego e mantiveram a linha de evoluo já evidenciada por dados históricos da série anterior. As profissões atingidas com maior intensidade continuaram a encontrar-se entre as mais caracterizadas por formas de trabalho manual e de menor preparao técnica, como as incluídas na categoria de operários de indústria e construo.

As profissões que mais se aproximaram de níveis de estabilidade em termos de volume de emprego, na ordem de 17 000 ativos, correspondem às que integram trabalhadores dos serviços pessoais, de proteo e segurança e de vendas.

Populao Ativa Empregada, por Profissão



A ocupao econmica dos recursos humanos na Região Autónoma dos Açores em termos de dimensão do mercado de trabalho situa-se a um nível comparável internacionalmente. Tomando como exemplo o indicador fornecido pelo inqrito ao emprego que se encontra normalizado segundo referências da União Europeia, verifica-se que as respetivas taxas da atividade apresentam valores na mesma ordem de grandeza.

Já quando se observam elementos reveladores de características mais específicas encontram-se diferenças mais evidentes. É o caso da formação em termos de nível de escolaridade completo que na RAA, e na sociedade portuguesa em geral, tem vindo a alargar-se, registando-se ainda uma certa distância do observado nos países da UE27, onde ao grau intermédio da oferta de formação (secundário) também corresponde a formação efetiva da população empregada, abrangendo 49,0% do total.

Elementos de Estrutura, 2013*

	Açores	Portugal	UE (27 países)
Taxa de Atividade			
Total	48,6	51,3	48,7
Homens	55,8	55,8	54,3
Mulheres.....	41,6	47,2	43,5
Nível de Escolaridade Completo (%)			
Até ao básico, 3º ciclo	67,0	55,6	20,0
Secundário	17,1	23,1	49,0
Superior	15,9	21,3	31,0

*Nova série. Os dados da UE (27 países) referem-se ao ano anterior.

Fontes: SREA / INE e Eurostat.

3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

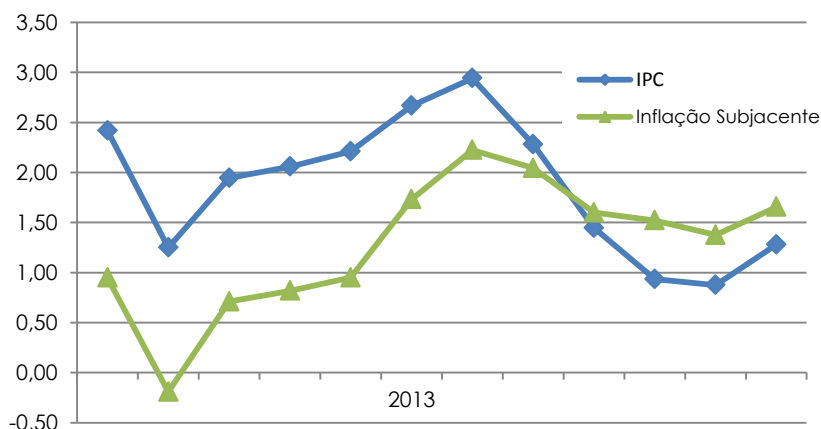
Em 2013, a evoluo dos preços nos Açores continuou a desacelerar, registando uma taxa média anual de 1,9%, enquanto no ano anterior registara 2,9%.

Esta evoluo prosseguiu no sentido do registado a nível do conjunto do país, onde a desacelerao de preços foi, todavia, mais acentuada, traduzindo-se numa taxa média anual de 0,3% em 2013, depois de se ter situado em 2,8% no ano anterior.

A desacelerao refletir um efeito de dissipacão do impacto de medidas de consolidao orçamental em 2012, como por exemplo o aumento de taxas de Imposto de Valor Acrescentado (IVA) sobre restaurao e eletricidade, enquanto já em 2013 não ocorreram alteraes relevantes de tributao indireta, com exceo do imposto sobre o tabaco.

Neste contexto de desacelerao de preços, os dados intra-anuais mostram maior incidência em meses do segundo semestre, com taxas homólogas a reduzirem-se ou, também, a situarem-se a níveis inferiores aos da própria inflao subjacente, que tem vindo a contribuir para a moderao de preços por via da importao de produtos energéticos e alimentares não transformados.

Evoluo intra-anual de Preços no Consumidor
(taxas de variao homólogas)
(base 2012)



Observando a evolução dos preços a nível mais desagregado, o das 12 classes do IPC, destacam-se as classes 3. Vestuário e Calçado e 7. Transportes, pelo contributo mais significativo para a desaceleração global, tendo ambas registado taxas de variação negativas.

Por outro lado, entre as classes que mais contrariaram a desaceleração global de preços encontram-se as de produtos 1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas, 4. Habitação, Água e Eletricidade e 11. Hotéis, Cafés e Restauração.

Relacionando as evoluções dos dois grupos de classes acabados de referir, a saber, o das classes que mais contribuíram e o das classes que mais contrariaram a desaceleração de preços, com os elementos de análise efetuados, torna-se verosímil que fatores associados a importação de preços, nomeadamente através de energia como fator de produção (combustíveis), tenham contribuído de forma mais significativa para a tendência de desaceleração de preços, enquanto fatores de formação interna de preços, como o da fiscalidade, tenham implicado efeitos em sentido contrário.

Variação e Contribuição por Classes de Despesa, em 2013

Unidade: %

Classes	Variação de preços	Ponderadores (peso)	Contribuição
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas	4,1	27,7	1,1
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco	2,6	5,2	0,1
3. Vestuário e Calçado	-0,8	6,1	-0,1
4. Habitação., Água, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis ...	3,4	8,4	0,3
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação .	0,5	5,9	0,0
6. Saúde	2,1	8,6	0,2
7. Transportes.....	-0,3	13,7	0,0
8. Comunicações.....	0,3	4,7	0,0
9. Lazer, Recreação e Cultura	3,0	4,5	0,1
10. Educação.....	0,6	0,9	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	2,6	6,3	0,2
12. Bens e Serviços Diversos	1,6	8,1	0,0
Total	1,9	100,0	1,9

Fonte: SREA.

4. MOEDA E CRÉDITO

Em 2013, os bancos com atividade na Região Autónoma dos Açores captaram, através das respetivas redes de balcões distribuídas pelas ilhas, um volume de 2 799 milhões de euros.

Por outro lado, foram concedidos 4 291 milhões de euros em empréstimos aos agentes econmicos no mesmo ano.

Com estes dados calcula-se um rácio de transformao (créditos/depósitos) de 153,3%, representando um desempenho comparável ao do ano anterior e sendo, também, compatível com a linha de aproximao do nível de endividamento ao nível de poupança disponível.

Depósitos e Créditos Bancários

10⁶ Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos ¹⁾	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2009	2 931	4 646	158,5
2010	3 065	4 816	157,1
2011	3 015	4 728	156,7
2012	2 945	4 527	153,7
2013	2 799	4 291	153,3
Relativa Nominal (Δ %)			
2010/2009	4,6	3,7	
2011/2010	-1,6	-1,9	
2012/2011	-2,3	-4,1	
2013/2012	-5,0	-5,2	
Relativa "Real (2)" (Δ %)			
2010/2009	3,2	2,3	
2011/2010	-4,9	-5,2	
2012/2011	-5,9	-6,8	
2013/2012	-6,7	-7,0	

1) Não inclui crédito titulado.

2) Considerando a evoluo do IPC.

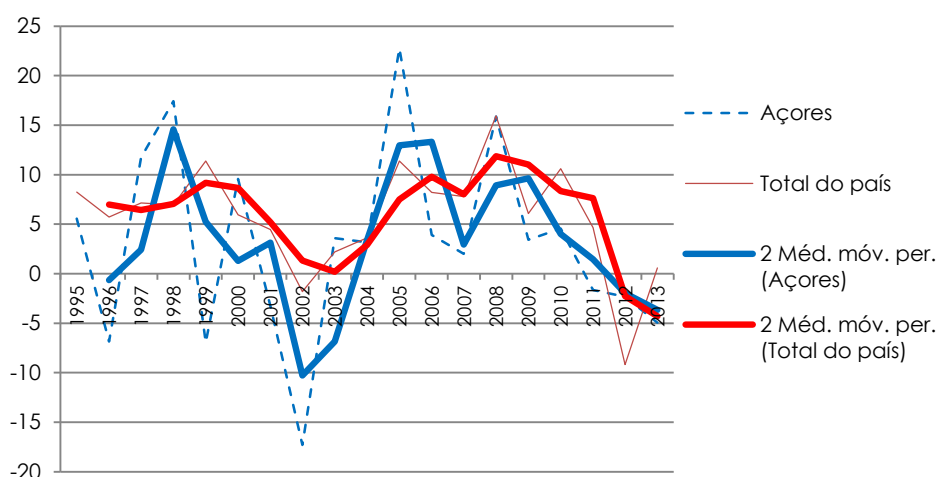
Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt

Depósitos

Os 2 799 milhões de euros depositados pelos aforradores nas agências bancárias, em 2013, representam um decréscimo em relação ao ano anterior, integrando-se numa linha com variações negativas e intensidades agravadas a partir do ano de 2011.

Este fenómeno será associável ao contexto da própria crise financeira, agravada por retração económica, com efeitos a repercutirem-se sobre os rendimentos disponíveis dos aforradores e, por outro lado, a capacidade de remuneração pelos bancos em termos de taxas de juro passivas.

Depósitos Bancários
(Taxa de variação média anual))



Observando a estrutura dos depósitos segundo o tipo de aforradores, verifica-se que, apesar da redução de rendimentos disponíveis das famílias, as suas poupanças traduzíveis nos respetivos depósitos em contas de particulares reforçaram-se, refletindo motivações como a de precaução e a de alteração de padrões de consumo.

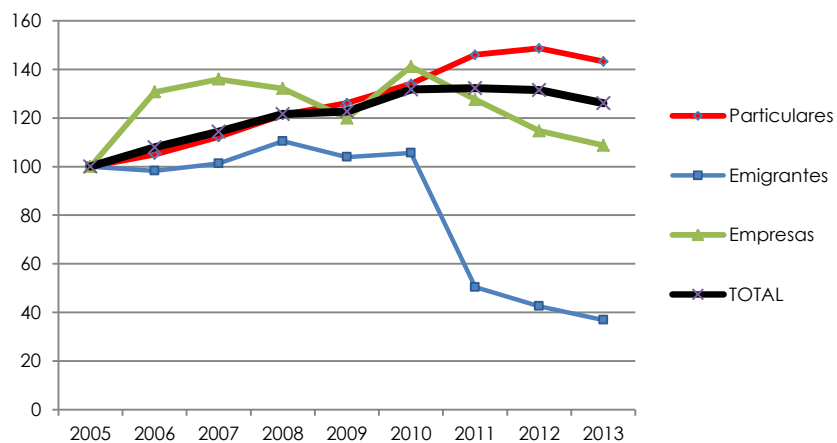
Já os depósitos de empresas terão sido mais condicionados pela necessidade de utilização recursos para a exploração e/ou algum investimento com origem em fundos próprios.

Os depósitos de emigrantes, por sua vez, revelam uma elevada sensibilidade com decréscimo acentuado desde o ano de 2011, mas com capacidade reduzida de gerar efeitos significativos para a evolução geral dos depósitos, atendendo que a sua dimensão se situa abaixo de uma

quota de 5% do total daqueles depósitos, enquanto a dos particulares atinge uma ordem de grandeza de 80%.

Depósitos bancários por aforradores

Índice 2005 = 100

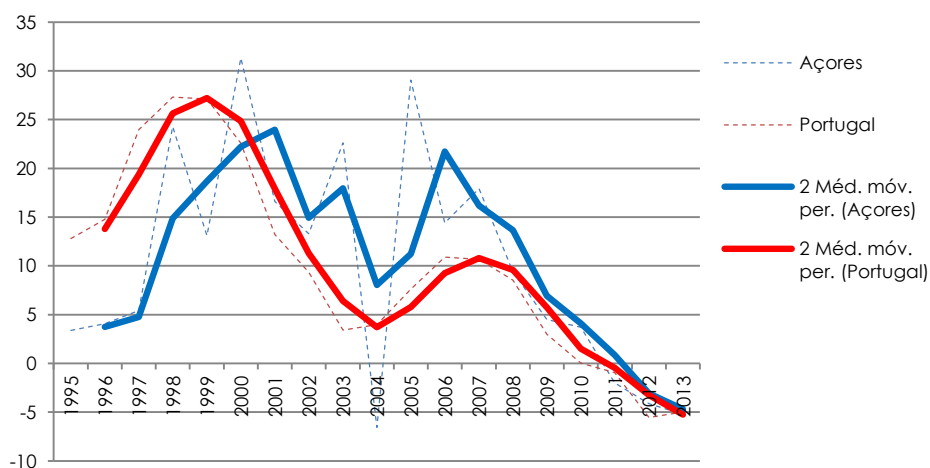


Créditos

Os empréstimos concedidos no montante de 4 291 milhões de euros, em 2013, representam uma retração em linha com a redução dos níveis de endividamento em diversos sectores da atividade económica.

Créditos concedidos

(taxas de variação média anual)



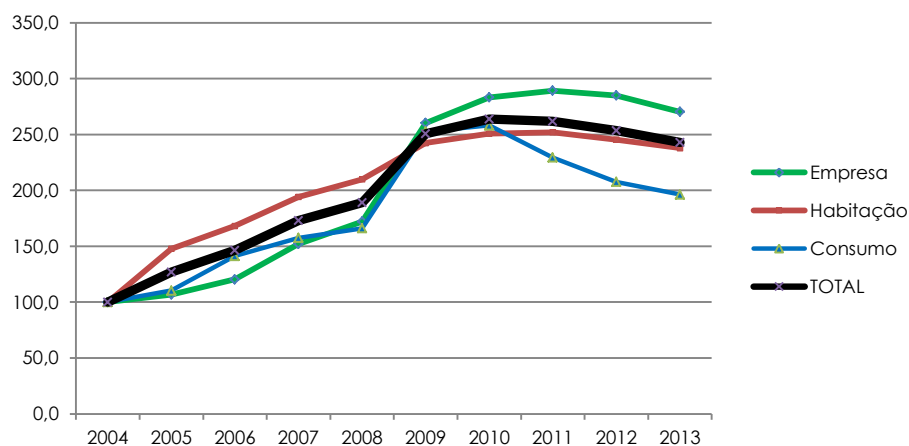
Observando a estrutura dos créditos concedidos aos agentes económicos, verifica-se uma mudança de padrão depois do ano de 2008.

Efetivamente o crédito a empresas começou a alargar a sua quota na carteira de negócios dos bancos, enquanto o crédito para habitação registou um certo abrandamento, mas conseguindo manter uma representatividade que continua a ser fator condicionante para a evolução do volume global de crédito concedido.

O crédito ao consumo tem sido atingido por quebras mais intensas, mas de uma forma mais desfasada, a partir de 2011, e com impacto necessariamente mais restrito, já que a sua representatividade fica aquém de 15%.

Créditos Concedidos a Agentes Económicos

Índice 2005 = 100



Distribuição territorial

A atividade bancária vem revelando mutações significativas em termos de variáveis de exploração geradoras de efeitos e necessidades que, por sua vez, implicam ajustamentos em estruturas.

De facto, a crise financeira e a contração económica, assim como a própria capacidade tecnológica com expansão de canais eletrónicos, acabaram por evidenciar um número de agências elevado face à necessidade de reduzir custos com vista a otimizar recursos.

Os últimos dados disponíveis de 158 balcões das redes bancárias nos Açores, em 2013, representam um decréscimo de 6% em relação ao ano anterior.

Rede e Cobertura Bancária em 2013

	Unidades	Açores	País	Açores/País (%)
Depósitos.....	10 ⁶ Euros	2 799	205 488	1,4
Créditos.....	10 ⁶ Euros	4 291	227 474	1,9
Balcões ⁽¹⁾	Nº	158	5 988	2,6

(1) – Dados de 2012.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt.

5. FINANÇAS PÚBLICAS

Evolução Geral

As despesas correntes, mais as de capital e as do plano, referidas na Conta da Região Autónoma dos Açores a 31 de Dezembro de 2013, somaram um total de 1127,8 milhões de euros, representando um acréscimo nominal de 10%, em relação ao ano precedente.

Este acréscimo corresponde a uma progressão significativa em relação aos valores totais executados nas contas dos últimos anos, nomeadamente na de 2011 que registou um nível mínimo.

A estrutura do financiamento das despesas da conta da RAA, por sua vez, registou um reforço na componente de receitas próprias, reduzindo a necessidade de recorrer a fontes externas. De facto, a rubrica de receitas fiscais, com um montante de 562,3 milhões de euros, aumentou a sua participação, atingindo 49,8% em 2013, face a 42,6% no ano anterior, enquanto a rubrica de empréstimos foi mais contida, representando 9,9% em 2013, face a 13,7% no ano anterior.

A terceira grande componente de financiamento, a de transferências, caracterizou-se mais por uma certa estabilidade, mantendo um valor nominal na ordem de 445 milhões de euros.

Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)				Estrutura %			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
RECEITAS (Corr.+Capital).....	1 039,7	1 006,7	1 029,5	1.127,8	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais *	486,3	513,9	438,1	562,3	46,8	51,1	42,6	49,8
Transferências	468,0	462,3	444,7	445,7	45,0	45,9	43,2	39,5
Empréstimos	50,0	23,0	142,0	111,4	4,8	2,3	13,7	9,9
Outras.....	35,4	7,5	4,7	8,4	3,4	0,7	0,5	0,8
DESPESAS	1 039,2	1 006,4	1 028,8	1.127,8	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes	600,6	600,4	575,5	674,6	57,8	59,7	55,9	59,8
Despesas de Capital	1,0	0,9	128,0	80,6	0,1	0,1	12,4	7,1
Despesas do Plano	437,7	405,1	325,3	372,6	42,1	40,2	31,6	33,1

*Impostos mais taxas, incluindo contribuições para a Segurança Social.

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

Despesas

A estrutura das despesas revela que a conteno em termos de responsabilidades financeiras facilitou a libertao de recursos para diversas aplicaes, desde algumas de ordem corrente a outras de investimento.

De facto, pode-se observar que a reduo em despesas financeiras da dvida mais amortizaes ocorre a par do reforço em despesas com pessoal e com o Plano.

Agregando ao total de 1127,8 milhões de euros das despesas do ORAA referidas anteriormente, a parcela de 250,5 milhões de euros de fluxos com contas extraorçamentais, obtm-se o montante total de 1378,4 milhões de euros.

Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Despesas	2011	2012	2013
Despesas Correntes	600 419	575 455	674 595
Despesas com Pessoal	310 932	261 831	304 116
Aquisio de bens e Serviços correntes	16 167	15 125	13 811
Encargos correntes da dvida.....	12 981	15 291	15 135
Transferências correntes	248 547	272 773	331 138
Subsídios.....	0	0	0
Outras despesas correntes	11 791	10 435	10 395
Despesas de Capital.....	923	128 011	80 634
Aquisio de bens de capital	521	315	272
Ativos financeiros	0	0	0
Passivos financeiros (amortizaes).....	0	127 314	29 980
Transferências de capital	0	0	0
Outras despesas de capital	402	382	382
Despesas do Plano.....	405 074	325 320	372 614
Contas de Ordem / Operaes extraorçamentais.....	249 634	262 116	250 518
Total.....	1 256 050	1 290 902	1 378 361

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Receitas

A estrutura de financiamento, já referida inicialmente, destacou o reforço significativo de recursos por via de receitas fiscais próprias.

Esta arrecadação de receitas abrangeu simultaneamente os impostos diretos e os indiretos, mas decorreu sobretudo da intensidade de crescimento nos diretos (IRS e IRC) e de um efeito de volume nos indiretos, particularmente no caso do IVA.

Agregando ao valor de 1127,9 milhões de euros de receitas do ORAA as receitas extraorçamentais de 253,2 milhões de euros, obtém-se um montante total de 1381,1 milhões de euros.

Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2011	2012	2013
Receitas Correntes	664 275	580 106	780 227
Impostos diretos.....	192 074	160 599	229 517
Impostos indiretos.....	309 750	266 284	319 986
Contribuições Segurança Social.....	4 774	3 738	5 089
Taxas, multas, outras penalidades.....	7 329	7 502	7 689
Rendimentos de propriedade	2 613	1 979	3 544
Transferências.....	145 886	138 974	212 232
Outras receitas	1 850	1 030	2 179
Receitas de Capital.....	339 885	448 204	345 268
Venda de bens de investimento.....	349	89	57
Transferências.....	316 388	305 697	233 439
Ativos financeiros	71	52	284
Passivos financeiros.....	23 000	141 980	111 430
Outras receitas de capital.....	78	386	58
Outras receitas/ Reposições não abatidas nos pagamentos.....	2 080	880	1 683
Saldo da gerência anterior.....	464	289	693
Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais ..	249 317	261 646	253 230
Total da Receita	1 256 021	1 291 125	1 381 111

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Saldos

A cobertura das despesas correntes de 674,6 milhões de euros, pelas respetivas receitas de 780,2 milhões de euros, gerou um excedente de 105,6 milhões de euros.

Este excedente saldou o resultado das operações de capital, que tinham registado um deficitete com valor absoluto na mesma ordem de grandeza.

Assim, o volume do saldo primário corresponde exatamente aos 15,1 milhões de euros de juros e outros encargos correntes da dvida pública.

Saldos – Conta da RAA

Milhões de Euros

	2011	2012	2013
Saldo Corrente	63,9	4,7	105,6
Saldo de Capital	-63,6	-4,0	-105,6
Saldo Global	0,3	0,7	0,0
Saldo Primário	13,3	16,0	15,1

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Dvida Pública Direta

Em 2013, a dvida de 443 730 mil euros incorpora o empréstimo de 31 450 mil euros contrados no mesmo ano, para garantir o financiamento da conta da RAA.

O serviço da dvida, por sua vez, corresponde  agregao de 15 135 mil euros de juros e outros encargos mais 29 980 mil euros de amortizaes.

Dvida Pública Regional

Mil Euros

	2011	2012	2013
Dvida Pública Direta	397 614	412 280	443 730
Serviço da Dvida	12 981	142 605	45 115
Juros e outros encargos	12 981	15 291	15 135
Amortizações	0	127 314	29 980

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

6. AGRICULTURA

Em 2013 tiveram lugar colheitas como as de culturas temporárias de batata (comum e doce) que registaram acréscimos de produções significativas em relação ao ano anterior. Neste caso, os acréscimos decorreram de cultivos em maiores extensões de superfícies agrícolas, mas também foram influenciados por condições de exploração favoráveis, a traduzirem-se em produtividades médias anuais maiores.

Colheitas de outras culturas temporárias, como as dos milhos, onde se destaca a dos forrageiros para alimentação animal, registaram níveis mais modestos de produção, apesar das respetivas superfícies semeadas também terem sido mais extensas.

Entre culturas permanentes e mais associadas a processos de transformação e valorização comercial, como a do chá, observaram-se variações de produção mais moderadas, a par de maior estabilidade inerente às superfícies de plantio e respetivas dimensões.

Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	Superfície (ha)			Produção (ton)		
	2011	2012	2013	2011	2012	2013
Batata.....	623	584	601	9 172	8 685	9 896
Batata-doce.....	52	54	57	1 170	1 075	1 129
Beterraba Sacarina.....	321	371	382	7 955	18 894	9 891
Milho Grão.....	247	239	238	587	451	422
Milho forrageiro.....	8 851	7 824	9 161	198 322	267 373	225 648
Tabaco.....	24	31	32	50	83	77
Chá.....	37	37	37	109	95	95

Fonte: INE.

Em 2013, a produção de vinhos açorianos atingiu um volume de 6425 hectolitros, sendo 4812 hectolitros (cerca de $\frac{3}{4}$ do total) basicamente constituídos pela categoria de tintos e tipo rosado sem indicação de casta.

As diversas castas de videiras produziram em geral acréscimos de colheitas significativos, mas o crescimento médio anual foi mais destacado nas castas de vinhas com origem ou identificação geográfica protegidas.

Produco de vinhos, R.A.A. - 2013

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP	1 217	0	1 217
DOP - Denominao de Origem Protegida.....	53	0	53
IGP - Identificao Geográfica Protegida.....	241	732	973
Com Indicao de Casta	0	0	0
Sem Indicao de Casta	102	4 080	4 182
Total.....	1 613	4 812	6 425

* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

O leite recebido nas fábricas implantadas nas diversas bacias leiteiras das ilhas açorianas registou um volume de 536,1 milhões de litros durante o ano de 2013, representando um decréscimo  taxa média de 5,3% em relao ao ano anterior.

Em sequência, os processos de transformao industrial nos diversos produtos lácteos também registaram decréscimos significativos, excetuando-se os produtos frescos de iogurtes que mantiveram o nível do ano anterior.

Já o leite para consumo prosseguiu na linha de crescimento observada nos últimos anos. Efetivamente, os 123,9 milhões de litros consumidos em 2013, incorporam um aumento de 4,9%, prosseguindo, incrementado mesmo, o aumento de 3,4% registados no ano anterior.

Produco e Transformao de Leite

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Leite recebido nas fábricas (1000 lt.)	506 216	515 728	540 199	535 417	547 576	565 951	536 074
Leite p/consumo (1000 lt)	89 862	84 069	99 410	99 105	114 240	118 128	123 938
Produtos lácteos (ton.s).....	50 500	53 416	53 991	53 827	53 816	56 218	51 735
Manteiga.....	7 127	8 300	8 636	8 070	8 764	9 869	8 835
Queijo.....	28 697	29 105	28 948	28 354	28 958	30 292	28 256
Leite em P	14 324	15 692	16 102	17 067	15 789	15 687	14 273
Iogurtes	352	316	305	336	306	371	371

Fonte: SREA.

A produo de 27,3 mil toneladas de carne durante o ano de 2013 representa um aumento de 1,8% em relao ao ano anterior, recebendo acréscimos de diversos tipos de qualidades e mercados de carne.

Apenas a produo de carne de suínos para consumo interno registou um decréscimo.

Produo de Carne

	Ton						
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Gado bovino abatido.....	8 262	10 448	11 565	11 645	12 530	12 624	13 152
Gado bovino exportado vivo.	9 631	8 436	5 511	5 200	5 077	4 266	4 525
Subtotal.....	17 893	18 884	17 076	16 845	17 607	16 890	17 677
Gado suíno abatido.....	5 146	5 706	4 655	4 827	5 136	5 492	4 906
Aves (abate).....	4 195	4 230	4 304	4 546	4 590	4 453	4 724
Total	27 234	28 820	26 035	26 188	27 334	26 834	27 307

Fonte: SREA.

Os dados do último Recenseamento Agrícola, para o ano de 2009, voltam a apontar no sentido de um redimensionamento das unidades empresariais agrícolas, na medida em que revelam acréscimos de área média (ha / n de explorao), de mecanizao (densidade de tratores por área ou por explorao) e, por outro lado, reduo dos recursos humanos envolvidos (produtores e populao agrícola familiar).

Estruturas e Recursos Gerais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)	Variaoes 1999-2005 (%)	
				Açores	Portugal
Exploraoes (n).....	13 541	305 266	4,4	-3,0	-2,7
SAU (ha)	120 412	3 668 145	3,3	-1	-5
Tratores (n).....	3 750	184 471	2,0	4,4	15
Produtores agrícolas singulares (n)	13 360	297 381	4,5	-30	-27
Populao agrícola familiar (n)	42 481	793 169	5,4	-38	-36

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Considerando o conceito de orientao técnico-econmica a partir da relao entre as diferentes margens brutas de explorao das atividades desenvolvidas por uma mesma unidade empresarial, 11 328 exploraoes

agrícolas foram classificadas como especializadas, já que dois terços da margem bruta global derivaram apenas de uma atividade, e 2 213 foram classificadas como indiferenciadas/combinadas.

Observando as mesmas explorações, mas agora segundo o tipo de cultivo, as orientadas para bovinos mantm um predomínio no contexto regional e uma representatividade significativa no sector a nível nacional.

Explorações

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Explorações	13 541	305 266	4,4
Segundo o grau de especialização			
Especializadas	11 328	203 440	5,6
Indiferenciadas/combinadas	2 213	101 826	2,2
Segundo o tipo de cultivo			
Viticultura.....	481	36 474	1,3
Fruticultura.....	1 225	26 844	4,6
Bovinos leite	2 816	8 123	34,7
Bovinos para gado/carne	3 539	16 135	21,9
Policultura.....	783	31 577	2,3
Diversos	4 747	186 113	2,6

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

A população agrícola familiar era formada por 42 481 pessoas, caracterizando-se no contexto português pela sua relativa juventude e nível de instrução intermédio. Efetivamente,  nos elementos de grupos etários com menos de 45 anos e nos de habilitações do 2 ciclo ao secundário que se encontram representatividades superiores  média geral de 5,4% para a população agrícola familiar.

Populao Agrícola

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Populao residente.....	245 374	10 637 715	2,3
Populao agrícola familiar.....	42 481	793 169	5,4
Segundo as classes etárias			
< 35.....	16 334	182 572	8,6
35 a >45 anos.....	5 561	78 124	7,1
45 a <65.....	13 771	270 140	5,1
>=65.....	6 815	262 333	2,6
Segundo nível de instruo			
1 Ciclo.....	15 883	314 001	5,1
2 e 3 Ciclos.....	14 263	184 626	7,8
Secundário.....	3 829	69 294	5,5
Superior.....	1 722	51 902	3,3
Outros*.....	6 685	173 336	3,9

- Contempla indivíduos abaixo de 10 anos.

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Também no contexto português, as exploraoes açorianas, ao mesmo tempo que apresentam uma dimensão relativamente reduzida, têm uma intensidade de utilizao de volume de trabalho baixa, permitindo uma eficiência equilibrada na utilizao destes recursos básicos às atividades agrícolas. Assim, não surpreender a produtividade alcançada nos Açores, onde a orientao técnico-econmica pelos bovinos gerar significativas margens brutas de explorao, que contribuem para a elevao dos índices médios.

Indicadores Laborais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Dimensão (Ha/Expl.).....	8,9	12,0	74,2
Volume de trabalho (UTA/Expl.).....	0,9	1,2	75,0
Eficiência (UTA/100 ha).....	9,6	10,0	96,0
Produtividade (1 000 €/UTA).....	30,4	12,6	241,3

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

7. PESCAS

O pescado descarregado na rede de portos da RAA registou um volume total de 13,96 mil toneladas durante o ano de 2013, o que representa um acréscimo de 4,5% em relao ao ano anterior.

Todavia, o valor daquela quantidade de pescado descarregada decresceu. De facto, o valor de 34,0 milhões de euros do pescado vendido na lota em 2013, em relao ao de 37,3 milhões de euros no ano anterior, representa uma quebra de 8,9%.

Consequentemente, o preço médio decresceu significativamente, situando-se em 2,44€/Kg, enquanto no ano anterior fora de 2,79€/Kg. Esta desvalorizao média do pescado abrangeu a generalidade das espécies, mas foi mais expressiva na migratória dos tundeos.

Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Volume (Tons)							
Total.....	15 883	11 528	9 441	18 944	16 092	13 366	13 961
Tundeos.....	9 392	5 109	3 547	13 675	10 224	7 676	8 432
Restante Pescado.....	6 491	6 499	5 894	5 269	5 867	5 690	5 529
Valor (Mil Euros)							
Total.....	38 224	35 443	30 799	39 572	38 723	37 346	34 033
Tundeos.....	6 254	5 798	5 659	16 469	15 035	16 016	14 401
Restante Pescado.....	31 970	29 645	25 140	23 104	23 689	21 329	19 632
Preço (Euro/Kg)							
Total.....	2,41	3,07	3,26	2,09	2,41	2,79	2,44
Tundeos.....	0,67	1,13	1,60	1,20	1,47	2,09	1,71
Restante Pescado.....	4,93	4,62	4,27	4,38	4,04	3,75	3,55

Fonte: SREA.

Apenas se notaram valorizaes de pescado em certas espécies pelágicas e de fundo. Entre as principais espécies descarregadas encontra-se, por exemplo, o caso da abrtea que foi vendida em 2013 ao preço médio de 3,1€/Kg, enquanto no ano anterior fora a 2,9€/Kg.

As situações mais frequentes foram as de desvalorização, como foi o caso da espécie com maior expressão em termos de receitas brutas geradas em lota, a do goraz, situando-se em 2013 a um nível médio de 12,8€/Kg, quando no ano anterior atingira 13,4€/kg.

A própria espécie comercializada habitualmente a preços inferiores, a do chicharro, com um preço médio de 1,4€/kg em 2013, também registou uma desvalorização significativa face ao preço de 2,4€/kg atingido no ano anterior.

Principais Espécies Descarregadas, 2013

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrótea.....	304	940	3,1
Boca Negra	235	996	4,2
Cherne	209	2 286	11,0
Chicharro.....	715	1 021	1,4
Goraz.....	214	2 723	12,8
Imperador.....	28	829	11,5
Lula.....	476	2 249	4,7
Mero	14	116	7,8
Pargo.....	44	386	8,7
Peixão.....	478	2 657	5,6

Fonte: SREA.

Entretanto, no contexto da economia portuguesa, as espécies descarregadas nos portos açorianos continuam a registar um nível de valorização elevado.

Efetivamente, em 2013, o valor comercializado nas lotas açorianas atingia uma quota de 13,4% do total registado no país, face a apenas a 9,7% do respetivo volume de pesca descarregado.

Principais Categorias de Espécies Descarregadas, 2013

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos.....	13 419	31 343	123 777	18 415	10,8	17,0
Crustáceos.....	10	129	1 097	1 192	0,9	1,1
Moluscos.....	532	2 560	19 646	5 568	2,7	4,6
gua doce e outros.....	0	0	134	137	0,0	0,0
Total	13 961	34 033	144 654	253 148	9,7	13,4

Fonte: INE.

Em 2013, a capacidade operacional da frota de pesca açoriana traduziu-se em 643 embarcaes licenciadas, com uma arqueao bruta de 8731 unidades padrão e com uma motorizao de 47,0 milhares de KW de potência instalada.

Embarcaes, 2013

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número	643	3 778	14,2
Arqueao bruta	8 731	72 496	10,5
Potência (Kw)	47 007	244 140	15,6

Fonte: INE.

A distribuo das licenças por arte de pesca, para o ano de 2013, continuou a registar um predomínio evidente da arte de anzol, registando-se um número de 1542 licenças num total de 2713.

Licenças por Arte de Pesca, 2013

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol	1 542	11 232	13,7
Armadilhas.....	432	3 127	13,8
Arrasto	0	850	0,0
Cerco.....	85	294	28,9
Redes.....	654	6 576	9,9
Outras artes	0	481	0,0
Total.....	2 713	22 560	12,0

Fonte: INE.

Em 2013 o número de pescadores ativos atingiu um total de 2966 matrículas, continuando a representar cerca de 1/5 do total dos profissionais na mesma área a nível do país e, em relação ao ano anterior, um acréscimo de 0,6%.

Pescadores, 2013

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Local	2 052	6 654	30,8
Costeiro.....	914	7 926	11,5
Largo	0	537	0,0
Total.....	2 966	15 117	19,6

Fonte: INE.

Durante o ano de 2013 a atividade piscatória registou um total 2140 dias de incapacidade operacional.

Em termos de sinistralidade registaram-se os casos de 51 feridos e de um morto nos respetivos desempenhos profissionais.

Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2013

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Mortos.....	1	12	8,3
Feridos	51	1 060	4,8
Dias de incapacidade	2 140	32 020	6,7

Fonte: INE.

8. ENERGIA

Eletricidade

A oferta de 792,5 Gwh pelo sistema electroprodutor regional representa um decréscimo de produção durante o ano de 2013, traduzindo-se numa taxa média anual de -1,5%.

A procura, medida pela agregação dos consumos das famílias, das empresas e de agentes públicos, totalizou um volume de 719,7 Gwh, que também representa um decréscimo no mesmo período e a um ritmo muito próximo do da produção, traduzindo-se a respetiva taxa em -1,6%.

Desta forma, as perdas entre a produção e o consumo mantiveram-se dentro do grau de proporcionalidade do ano anterior, com os 72,8 Gwh de perdas em 2013 a corresponderem novamente a cerca de 9% da produção.

Eletricidade – Balanço

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Produção.....	804,9	823,7	829,1	849,8	840,0	804,6	792,5
Perdas	76,6	70,0	72,4	71,2	69,2	73,3	72,8
Consumo	728,3	753,7	756,7	778,6	770,8	731,3	719,7

GWh

Fonte: EDA.

A redução da procura abrangeu os diversos tipos de utilizadores finais mas, ao contrário do ano anterior, foi relativamente mais intensa nos segmentos de comércio/serviços e de outros fins, onde se inclui a iluminação pública, do que no consumo doméstico e no da indústria

Neste contexto o consumo doméstico voltou a confirmar-se como o segmento mais representativo e as indústrias mantiveram uma quota de cerca de 16% do total da procura.

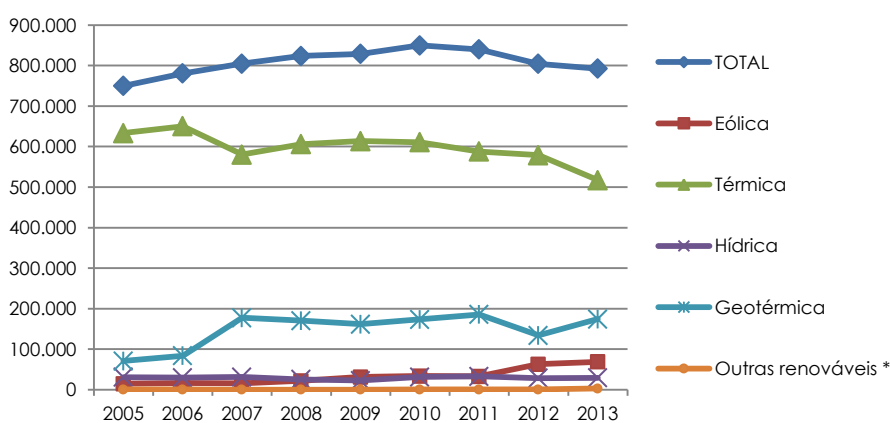
Consumo de Eletricidade (1000kWh)



Na ótica da produção observou-se durante o ano de 2013 uma progressão significativa de fontes de renováveis face à geração de eletricidade com origem em centrais térmicas.

Efetivamente, em 2013, a produção térmica contribuiu com 65,2% da oferta de eletricidade, face a 72,0% no ano anterior e a outros ainda tendencialmente maiores em anos mais recuados.

Produção de Eletricidade (1000kWh)



O fenómeno de opção prioritária por energias renováveis, mesmo em contexto de regressão do total de produção, é também observável na generalidade das ilhas.

Um ou outro caso de exceção prende-se com situações de exploração ou de investimento mais pontuais.

Distribuio por Ilhas - 2013

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produo total (GWh)	21,7	412,2	208,9	13,6	29,3	45,6	49,0	11,5	1,4	792,5
Produo renovável (%)....	11,6	54,0	17,9	0,0	6,9	12,9	8,9	35,9	0.0	34,8
Consumidores (n de instalaoes)	3 716	62 162	27 103	3 216	5 748	9 318	7 887	2 416	270	121 836
Consumo médio (MWh / n instalaoes)	5,0	6,1	6,9	3,8	4,6	4,4	5,5	4,2	4,7	5,9

Fonte: EDA.

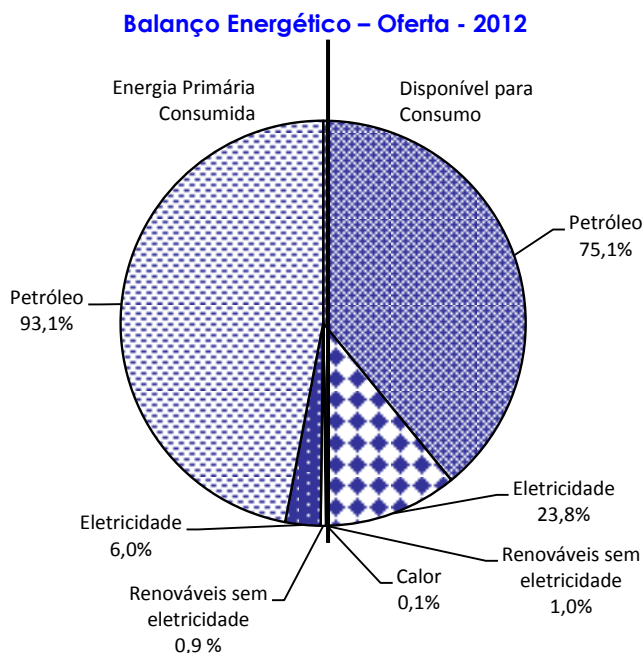
Balanço Energético

Segundo DGEC – Direo-Geral da Energia e Geologia, o volume calculado para energia primária consumida na RAA correspondeu a 342,9 mil teps no ano de 2012. No anterior terá correspondido a 399,7 mil teps.

Daquele total de 2012, 93,1% foram constituídos por combustíveis fósseis (petróleo e derivados) e 6,0% por diversas fontes de energia de produo doméstica renovável de eletricidade (eólica, hidro e geotérmica) e 0,9% de formas mais diretas para consumo (solar, lenhas e resíduos vegetais).

Tendo em conta a incorporao do sistema electroprodutor, verifica-se que a energia oferecida para consumo final na forma de eletricidade continuou a alarga a sua representatividade, passando a ocupar uma quota de 23,8% do total, enquanto no ano anterior fora de 21,2%.

Considerando esta evoluo, mais a da progressão de energias renováveis para consumo final, os combustíveis fósseis representaram uma quota de 75,1% do total, enquanto no anterior fora de 77,8%.



Considerando agora o lado da procura final, observa-se que o sector de transportes absorveu a proporção mais significativa de energia 44,8%, continuando sempre a basear-se no consumo de petróleo. Este tipo de combustíveis continuou a ser o principal abastecedor de energia para sectores de produção de bens como os das indústrias e construção e obras públicas.

Já os serviços abastecem-se fundamentalmente de energia na forma de eletricidade (81,7%), não entrando na diversificação para outras fontes.

O Fenómeno da diversificação entre diversas fontes é mais significativo no segmento doméstico e, de alguma forma também, no das indústrias.

Balço Energético – Procura
Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sector	Distribuição por fontes			Total Geral
		Petróleo	Eletricidade	Outras	
44,8	Transportes.....	100,0	0,0	0,0	100,0
16,1	Doméstico.....	44,0	49,7	6,3	100,0
13,7	Serviços	18,3	81,7	0,0	100,0
11,1	Indústrias.....	69,5	28,8	1,7	100,0
3,6	Construção e O.P.....	83,8	16,2	0,0	100,0
8,0	Agricultura	95,5	4,4	0,1	100,0
2,7	Pescas.....	94,2	5,8	0,0	100,0
100,0	Total.....	75,3	23,5	1,2	100,0

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.

9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

Os principais circuitos comerciais dos agentes económicos na Região Autónoma dos Açores estruturam-se no âmbito da economia portuguesa, ocupando as trocas de bens com países estrangeiros funções de complementaridade, através de operações mais específicas, seja de abastecimento de alguma especialidade, seja de valorização de excedentes económicos mais representativos.

Os volumes de negócios (exportações + importações) de empresas com países estrangeiros continuam a revelar uma certa progressão, aproximando-se em 2013 de cerca de 300 milhões de euros.

Já a cobertura dos valores das importações pelos das exportações evidencia maior variabilidade. A taxa mais frequente situar-se-á na ordem dos 60%, mas a probabilidade de encontrar uma linha de tendência significativa é mínima.

Comércio Internacional de Mercadorias

1 000 Euros

	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Importações	96 411	127 605	150 049	105 813	132 145	180.308
Exportações	61 108	77 856	75 017	117 827	109 675	119.186
Total	157 519	205 461	225 066	223 640	241 820	299.494
Taxa de Cobertura (%)	63,4	61,0	50,0	111,35	83,0	66,1

Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional.

Os produtos alimentares e bebidas evidenciam-se pela representatividade comercial e pelos resultados que atingem em termos de trocas e de geração de excedentes económicos.

De facto, aqueles produtos associáveis à base económica de exportação regional registam volumes de negócios na ordem de dois terços do total das trocas comerciais e, simultaneamente, contribuem com saldos positivos.

Em 2013, os valores de exportações e importações totalizaram, respetivamente, 92,7 e 73,9 milhões de euros, o que se traduziu num saldo de 18,8 milhões de euros.

Outras categorias de trocas comerciais como as de equipamentos industriais e de meios de transporte estão mais associadas a lógicas de importao de bens de investimento.

Comércio Internacional, grandes categorias

1 000 Euros

	Importações				Exportações			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
Produtos Alimentares e Bebidas.....	32 515	48 319	57 914	73 902	50 207	73 810	85 954	92 670
Fornecimentos Industriais - Não Especificados Noutras Categorias.....	32 700	44 995	49 533	42 067	150	821	814	742
Combustíveis	180	193	383	45 765	13 522	35 849	8 796	7 610
Máquinas, Outros Bens de Capital (Exceto Material de Transporte)	11 967	13 428	13 925	10 394	7 554	2 512	10 434	14 665
Material de Transporte	67 817	4 837	4 731	3 372	1 801	4 345	2 792	2 094
Bens de Consumo Não Especificados Noutras Categorias	4 869	6 493	5 659	4 805	247	293	587	1 283
Outros Produtos	0	9	0	3	1 537	231	298	122

Fonte: INE/SREA, Anuário Estatístico.

Observando os dados segundo zonas econmicas e países verifica-se que a União Europeia concentra os fluxos mais expressivos de trocas comerciais, quer para colocao de produtos regionais, quer, principalmente, de resposta a necessidades de procura interna.

Os fluxos com os Estados Unidos e Canadá continuam a registar volumes de trocas ancorados em níveis e padrões tradicionais.

Já as trocas com os PALOP(s) têm vindo a ganhar expressão. Em 2013, as exportações atingiram 44,7 milhões de euros, consolidando uma posio externa que se aproxima da já estabelecida com a União Europeia.

Comércio Internacional por Zonas e Países

1 000 Euros

	Entradas/Importações				Saídas/Exportações			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
União Europeia	47 224	86 618	91 823	122 377	43 193	60 225	64 860	54 440
EUA	12 165	14 781	8 791	14 192	2 975	4 605	4 229	4 911
Canadá	65 062	723	2 419	489	3 747	5 257	3 899	3 513
Brasil.....	5 213	21	76	2 472	301	292	517	581
PALOP (s)	0	75	0	0	4 171	7 637	18 169	44 670
Outros.....	20 385	16 056	29 036	40 778	20 630	39 845	18 001	11 071

Fonte: INE/SREA.

10. TURISMO

A procura turística nos diversos tipos de alojamento inquiridos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores atingiu um total de 1186 milhares de dormidas durante o ano de 2013, implicando um acréscimo de 10,1% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, a capacidade de oferta disponível em média ao longo do ano, situou-se praticamente ao nível do ano anterior, tendo o respetivo crescimento registado uma taxa de apenas 0,1%.

Consequentemente, registaram-se níveis mais elevados na utilização da capacidade oferecida. Por exemplo, a hotelaria tradicional registou uma taxa de ocupação de 34,9% em 2013, face a 31,3% no ano anterior.

Oferta e Procura Turísticas

Ano	Capacidade (1)				Dormidas			
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total
2008	8 339	721	615	9 676	1 127 513	18 541	81 423	1 227 477
2009	8 566	820	543	9 927	1 004 804	20 603	82 723	1 108 130
2010	8 305	844	546	9 695	1 035 031	24 831	91 671	1 151 533
2011	8 465	822	524	9 812	1 033 525	23 049	93 875	1 150 449
2012	8 368	845	475	9 688	957 740	28 883	93 797	1 077 420
2013	8 267	943	484	9 694	1 054 112	36 639	95 535	1 186 286

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

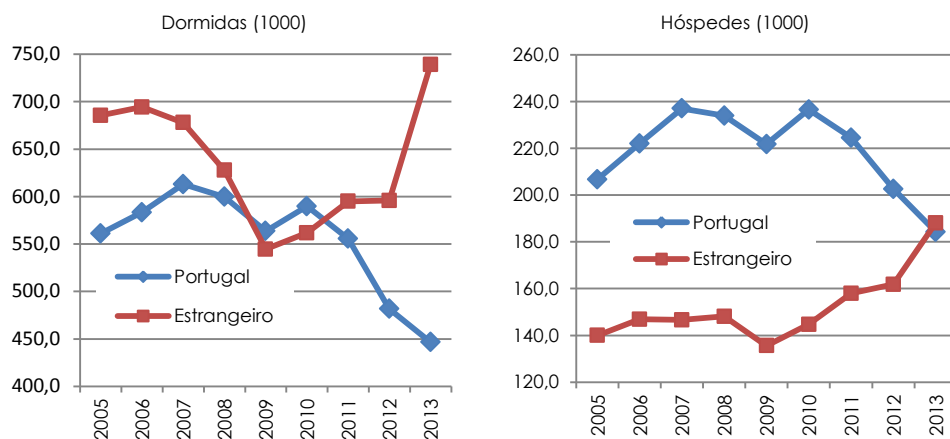
(2) Casas de hóspedes, Colónias de férias / Pousadas da Juventude, Parques de campismo e Alojamentos particulares.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

A evolução nos níveis de ocupação decorreu da procura por hóspedes estrangeiros e, principalmente, pelas respetivas estadas mais elevadas.

Efetivamente, observando os dados de procura segundo a residência e nacionalidade (ver gráfico a seguir), verifica-se que os contributos positivos para a evolução geral vieram dos clientes com origem no estrangeiro, desde logo através número de hóspedes que deram entrada nos estabelecimentos de hotelaria e, ainda de forma mais expressiva, pela quantidade de noites (dormidas) em que permaneceram hospedados.

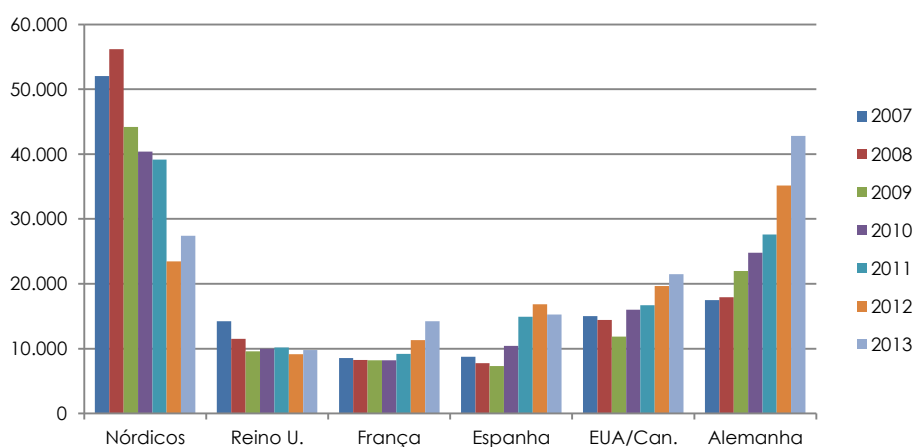
Procura – Principais Mercados
segundo a residência / nacionalidade



O acréscimo da procura foi observável na generalidade dos mercados estrangeiros emissores.

De facto, apreciando os mercados mais representativos nos últimos anos, verifica-se que apenas no de Espanha se registou um decréscimo em 2013.

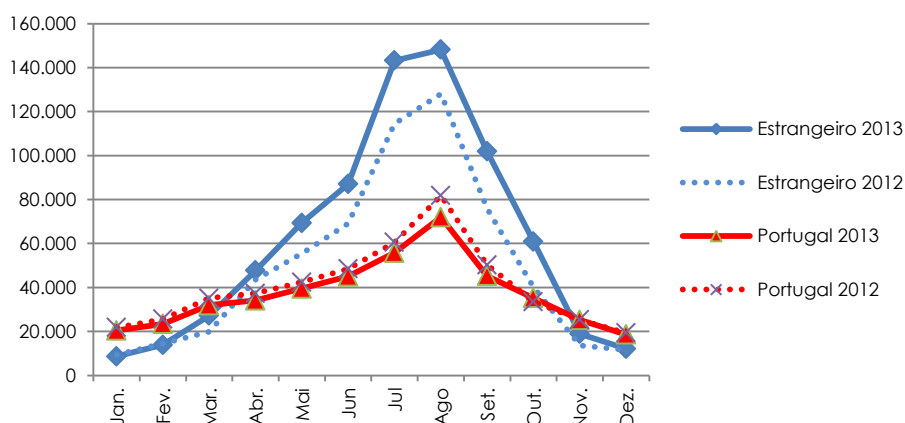
Hospedes segundo mercados estrangeiros emissores



O crescimento da procura foi mais intenso nos meses da época alta, acentuando o índice médio de sazonalidade.

A distribuico intra-anual das dormidas mostra que o impacto da sazonalidade por parte das procura com origem em mercados estrangeiros suplantou a reduco da sazonalidade com origem no mercado do próprio país.

Sazonalidade
Distribuico intra-anual das dormidas



A exploração das unidades hoteleiras encerrou o ano econmico de 2013 com um volume de receitas na ordem de 46,5 milhões de euros, representando um acréscimo nominal à taxa média anual de 6,9%.

Estes resultados representam uma progressão relativamente aos dos últimos anos, que vinham registando decréscimos mesmo em termos nominais, e decorrem em absoluto do aumento da procura, já que o preço médio por diária (€/dormida) continuou a desvalorizar-se.

Exploração das unidades hoteleiras
Receitas e Despesas

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1
2010	50 389,2	36 772,9	18 137,0
2011	48 242,9	35 104,9	19 028,8
2012	43 445,1	31 821,3	17 143,8
2013	46 450,0	34 321,7	16 684,7

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

A hotelaria tradicional dispõe de uma representatividade que determina a dimensão e condiciona de forma expressiva a oferta de alojamento no setor do turismo. Estabelecimentos de maior capacidade favorecem um nível elevado na captação de hóspedes e na oferta própria de serviços.

Entretanto, dados do turismo em espaço rural vêm mostrando uma procura a crescer em termos globais, sendo descoberto por clientes em mercados do estrangeiro e estendendo-se mais ao longo do ano, ao mesmo tempo que reforça a sua capacidade através de mais estabelecimentos.

Dados de síntese e estruturas
Distribuição de variáveis em 2013

Variáveis	Hotelaria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Casas de Hóspedes	Total
Estabelecimentos	44,7	41,3	14,0	100
Capacidade de alojamento	88,7	7,2	4,0	100
Pessoal ao serviço	92,3	5,7	2,0	100
Hóspedes	96,1	2,4	1,5	100
Dormidas (total)	94,7	3,3	2,0	100
Dormidas (resid. estrangeiro)	94,8	4,0	1,1	100
Dormidas (época baixa *)	97,0	2,2	0,8	100
Proveitos totais	96,2	2,9	0,9	100
Proveitos de aposento	95,0	3,7	1,2	100
Despesas com pessoal	97,6	1,9	0,5	100

* Para efeitos de cálculo consideraram-se o 1º e o 4º trimestres.

11. TRANSPORTES

Os passageiros nos transportes coletivos terrestres, em 2013, efetuaram um total de 9,1 milhões de viagens, sendo 7,6 milhões nas carreiras interurbanas e 1,5 milhões nas urbanas.

Ambos os segmentos de tráfego registaram, novamente, acréscimos significativos, traduzindo-se globalmente numa taxa média anual de 3,8%.

Entretanto, os dados apontam no sentido de maior intensidade de crescimento nos percursos urbanos, ao mesmo tempo que os interurbanos reforçaram a sua característica de transportes para percursos mais longos.

Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

Carreiras		2010	2011	2012	2013
<i>Interurbana</i>	Passageiros.....	7 302	7 283	7 414	7 623
	Passageiros/km....	94 040	82 029	81 468	85 460
<i>Urbana</i>	Passageiros.....	1 002	998	1 355	1 478
	Passageiros/km	6 218	6 143	8 362	9 082

1000 Passageiros.

Fonte: SREA.

No ano 2013, o total de 926 milhares de movimentos de passageiros nas infraestruturas dos portos comerciais açorianos representa um acréscimo de 1,1% em relação ao ano anterior.

Já tráfego no canal entre o Faial e o Pico de 338 milhares de passageiros, equivalente a 676 mil movimentos de embarques mais desembarques nas respetivas infraestruturas portuárias, representou um acréscimo de 2,3 % naquele mesmo período.

Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

	2010	2011	2012	2013
Rede de portos comerciais*	961 842	972 298	916 954	926 868
Canal Horta – Madalena.....	665 888	698 546	661 714	676 966
Total (Rede + Canal)	1 627 730	1 670 844	1 578 668	1 603 834

* Somatório do conjunto de portos comerciais, sem incluir os movimentos no canal Horta-Madalena.

Fonte: SREA.

Nos aeroportos, os tráfegos de passageiros somaram durante o ano de 2013 um total de 1716 milhares de movimentos, incorporando um crescimento à taxa média anual de 0,4%.

Esta evolução decorreu do tráfego internacional, pela intensidade atingida e, também, pela base de representatividade que tem vindo a alargar nos anos mais recentes.

Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados

	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2010	847 623	709 939	198 518	1 756 080
2011	878 600	695 679	217 990	1 792 269
2012	847 769	652 318	209 407	1 709 494
2013	837 717	637 036	241 918	1 716 671

Fonte: SREA.

O volume de cargas movimentadas nas infraestruturas dos portos comerciais somou um total de 2168 mil de toneladas em 2013, o que representa um decréscimo de 8,4%. Este decréscimo atingiu novamente ambos os fluxos de entradas e saídas de cargas, continuando mais intenso nos de entradas (descarregamentos).

As 7,9 mil toneladas de cargas movimentadas nos aeroportos voltaram a registar um decréscimo naquele mesmo período. Note-se que estes registos mais recentes de movimentos de cargas por via aérea continuam a integrar-se numa linha de tendência dos últimos anos, ocorrendo de forma mais evidente no tráfego territorial depois de 2008.

O tráfego internacional é o menos representativo em termos de volume, mas é o único que tem mantido com níveis de saídas (carregamentos) superiores aos de entradas (descarregamentos) e com flutuações à volta de um nível médio relativamente estabilizado.

Cargas Movimentadas

1000 Ton.

	2010	2011	2012	2013
Aeroportos	9,7	9,7	8,6	7,9
Portos	2 814,3	2 846,1	2 317,6	2 168,8
Total	2 824,0	2 855,8	2 326,2	2176,7

Fonte: SREA.

O número total de 2113 veículos automóveis novos vendidos representou um acréscimo à taxa média de 7,4% durante o ano de 2013.

Este tipo de variação anual decorreu da evolução no segmento de ligeiros, tendo o de comerciais mantido um registo negativo.

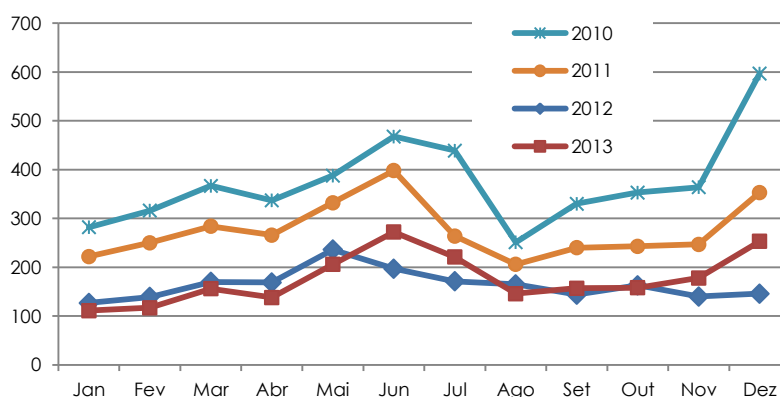
Automóveis Novos Vendidos, por Tipo e por Ano

	2010	2011	2012	2013
Total.....	4 492	3 305	1 967	2 013
Automóveis Ligeiros.....	3 587	2 553	1 614	1 768
Passageiros.....	3 480	2 547	1 608	1 758
Mistos.....	107	6	6	10
Automóveis Comercias.....	905	752	353	345

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

A distribuição das vendas ao longo dos meses de 2013 reaproximou-se do padrão dos anos anteriores. Isto é, apesar de se ter situado a um nível inferior, distante mesmo, dos observados em anos como os de 2010 e 2011, voltou a registar picos de vendas em meses de verão (junho/julho) e, principalmente, em dezembro.

Automóveis Novos Vendidos Mensalmente



O acréscimo de vendas de novos veículos automóveis não foi suficiente para gerar efeitos significativos em termos de renovação do respetivo parque. Considerando os dados do ISP-Instituto de Seguros de Portugal

com o número de contratos de cobertura de riscos de viação, o peso dos veículos mais antigos continuou a acentuar-se.

De fato, os veículos com mais de 10 anos continuaram a reforçar a sua representatividade, atingindo 52,8% do total do parque em 2013, enquanto no ano anterior fora de 48,8%.

Situação inversa foi a observada nas outras duas classes estatísticas por idades, a de menos de 5 anos e a de entre os 5 e os 10 anos.

Parque Automóvel Seguro nos Açores,
por classes de idade

	Número de veículos	Distribuição por idade (%)			
		Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Mais de 10 anos	Total
2009	116 306	25,0	41,0	34,0	100
2010	127 651	23,9	37,4	38,7	100
2011	129 169	21,6	34,1	41,3	100
2012	130 152	18,7	32,5	48,8	100
2013	131 817	16,0	31,2	52,8	100

Fonte: Instituto de Seguros de Portugal.

12. EDUCAO

No ano letivo de 2012/13 matricularam-se 49,2 milhares de alunos nas escolas da Região Autónoma dos Açores, representando em relao ao ano anterior um decréscimo de 410 matrículas.

Este decréscimo registou-se no âmbito dos ciclos do currículo regular, já que entre os cursos de currículos alternativos se observaram acréscimos significativos.

Efetivamente, e para exemplificar, se no currículo regular ocorreu um decréscimo de 813 matrículas no ciclo do ensino secundário, já nos currículos alternativos, os cursos de Ensino Profissional, do PROFIJ e do Programa Oportunidade registaram acréscimos de 177, de 163 e de 452 matrículas, respetivamente.

Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade
Ensino Oficial e Particular (a)

Anos Letivos	Currículo Regular						Currículos Alternativos				TOTAL
	Creche	Jl	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Ensino Recorrente	Programa Oportunidade	PROFIJ	Ensino Profissional	
2010/11	1.242	7.758	12.591	6.579	9.221	6.550	662	2.086	1.186	2.572	50.447
2011/12	1.257	7.415	12.386	6.449	9.296	6.825	382	2.046	986	2.603	49.645
2012/13	1.319	7.564	12.456	6.190	8.939	6.012	328	2.498	1.149	2.780	49.235

a) Os alunos do programa PEREE e UNECA estão integrados em turmas do ensino regular.
Fonte: Direo Regional da Educao.

O volume total de populao escolarizvel continua a ser atingido por efeitos demográficos, particularmente em termos de saldos fisiológicos decrescentes. Todavia, a abrangência do sistema de ensino público prossegue o seu alargamento em escalões etários que ainda apresentam margens para crescimento até atingir os respetivos níveis de acesso generalizado.

É assim, sobretudo, nos casos de crianças com idades nos primeiros escalões etários, mas também fazendo parte os de jovens com idades pertencentes aos últimos escalões.

Taxas de Escolarização por Idades e Anos Letivos

Ensino Oficial e Particular

IDADES	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13
3 anos.....	59,5	65,7	64,4	65,6	68,1
4 anos.....	86,2	88,5	88,7	89,2	91,0
5 anos.....	97,4	98,6	97,5	97,2	100,0
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	99,5
15 anos.....	99,5	100,0	100,0	97,8	95,5
16 anos.....	91,9	90,3	92,8	92,4	92,9
17 anos.....	72,1	78,0	78,5	79,6	81,3
18 anos.....	41,3	44,7	46,9	48,8	49,3
19 anos.....	25,3	26,0	24,9	26,7	27,7

Fonte: Direção Regional da Educação.

No que respeita ao aproveitamento escolar, continuaram a observar-se no ano letivo de 2012/13 situações onde se podem distinguir, grosso modo, dois níveis.

Efetivamente, comparando os números de alunos que transitam ou concluem definitivamente um ciclo, com os respetivos totais de alunos matriculados no início do ano, verifica-se que nos níveis mais elementares de escolaridade se registam aproveitamentos mais expressivos, com taxas na ordem de 70% a 80%, enquanto no 12º o aproveitamento é inferior, situando-se à volta de 60%.

Estes dados apresentam alguma estabilidade com pequenas variações anuais, mas deixando entrever uma certa tendência de normalização e aproximação entre si.

Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)
Taxas de Transição ou de Conclusão

Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	2010/11	2011/12	2012/13
4º	87,0	81,9	80,8
6º	87,9	83,6	80,1
9º	83,3	77,8	72,1
12º	60,2	57,7	60,6

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

O sistema de ensino oficial em 2012/13 continuou a apresentar-se com 40 unidades orgânicas distribuídas territorialmente pelas diversas ilhas, segundo diversos fatores, evidenciando-se os de dimensão e organização institucional.

Estes elementos condicionadores materializam-se em termos de estruturas, que se projetam nos respetivos equipamentos e quadros de pessoal.

Os números de 178 edifícios e de 2946 espaços escolares (salas, oficinas, laboratórios, ginásios...) correspondem a equipamentos praticamente consolidados, verificando-se no ano letivo de 2012/13 apenas ajustamentos pontuais. Em termos concretos e líquidos anuais, ocorreu a redução de estabelecimentos em número de 2, a par da criação de mais 17 espaços escolares.

O número de 4991 docentes incorpora um acréscimo significativo (+520) nos quadros escolares, com distribuição estendida pela generalidade das ilhas.

Distribuição por ilhas

Ensino Oficial – 2012/2013

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgânicas	1	21	7	1	3	3	2	1	1	40
Edifícios Escolares	6	90	35	5	9	18	11	3	1	178
Espaços Escolares	77	1 571	710	72	113	168	165	58	12	2 946
Pessoal docente	136	2 874	1 074	85	193	284	255	74	16	4 991

Fonte: Direção Regional de Educação.

13. DESPORTO

O total de 23 619 atletas das diversas modalidades associadas das respetivas federações, na época de 2012/2013, representa um decréscimo de 0,8% em relação à época anterior.

Estes elementos parecem corresponder a um contexto mais geral, em termos de enquadramento das respetivas atividades desportivas, verificando-se que os dados sobre o número de dirigentes e, principalmente, de técnicos evidenciaram decréscimos significativos.

Já o caso mais específico de crescimento do número de árbitros ou juizes poderá integrar-se noutra lógica, por ventura de correção de situações ocorridas em anos anteriores.

Assinale-se ainda que, apesar do decréscimo no número de praticantes e, também de clubes, o número de equipas/grupos aumentou, o que será associável ao reforço de importância de modalidades baseadas em equipas de menor dimensão e/ou constituição de mais equipas dentro de clubes já existentes, em vez de criação de novos clubes.

Evolução Desportiva

	2009	2010	2011	2012	2013
Atletas	21 921	21 844	23 261	23 802	23 619
Técnicos	1 007	1 078	1 124	1 116	1 065
Árbitros / Juizes.....	1 089	1 067	1 049	1 028	1 043
Dirigentes / Outros Agentes.....	1 564	1 529	1 731	1 816	1 778
Clubes / Entidades (a).....	377	383	404	462	396
Equipas / Grupos Praticantes	1 282	1 229	1 184	1 226	1 243

a) Somatório obtido a partir das diversas modalidades implica dupla contagem, já que há algumas modalidades praticadas num mesmo clube.

Entre as diversas modalidades continuaram a destacar-se, pela sua representatividade em termos de número de atletas inscritos as de futebol (20,7%), voleibol (11,6%), futsal (10,0%), basquetebol (7,3%) e atletismo (7,0%).

O ciclismo destaca-se como um exemplo de uma modalidade com implantação e frequência de prática desportiva mais circunscritas, mas que tem vindo a revelar certa progressão, ano após ano.

Indicadores – Época de 2012/2013

Modalidades	Atletas	Técnicos	Árbitros/ Juizes	Dirigentes / outros agentes	Clubes/ Enti- dades a)	Equipas/ Grupos Prati- cantes	Nº jogos/ provas locais	Nº Part. provas regionais	Nº Part. provas na- cionais	Dura- ção da Época	Conc.
Andebol	821	27	34	31	8	37	309	310	84	7	7
Atletismo	1.660	48	123	54	32	79	839	361	139	8	12
Automobilismo	237	0	0	0	5	19	0	0	0	0	5
Badminton	308	12	8	9	9	12	124	73	16	7	5
Basquetebol	1.728	67	135	68	18	113	860	417	320	8	7
Bowling	101	3	0	11	1	8	12	8	2	4	1
Bridge	20	3	3	5	1	1	110	0	21	11	1
Canoagem	138	10	13	9	6	2	118	39	2	5	6
Ciclismo	406	25	5	24	13	10	371	110	11	10	4
Columbofilia	33	0	0	0	1	3	0	20	0	4	
Dança Desportiva	80	11	0	0	3	0	40	0	18	5	1
Equitação	181	9	11	0	4	2	30	18	7	4	4
Esgrima	34	2	2	1	1	0	0	0	0	0	1
Futebol de 11	4.896	230	128	846	58	235	2.890	390	480	9	19
Futsal	2.356	130	80	293	52	156	1.929	363	286	9	
Ginástica Aeróbica	195	7	7	4	4	13	68	132	83	6	4
Ginástica Rítmica	62	5	5	7	2	4	21	28	18	5	1
Golfe	517	4	1	17	2	44	257	339	70	11	2
Hóquei em Patins	291	28	23	27	5	21	177	144	72	4	3
Jetski	59	4	0	2	2	0	31	66	5	6	2
Judo	1.110	43	83	45	13	65	183	253	159	5	7
Karaté	942	58	81	20	21	25	361	180	84	9	13
Kickboxing/Full-Contact	563	24	22	69	7	26	b)				4
Motociclismo	44	0	0	4	3	3	0	108	13	0	3
Natação	627	26	54	14	8	35	265	331	89	9	5
Parapente	30	0	0	0	2	2	0	0	0	0	2
Patinagem Artística	269	13	23	11	7	12	61	55	47	8	3
Patinagem Velocidade	482	17	32	12	6	7	189	62	33	4	4
Pesca Desportiva	41	0	0	0	3	1	0	0	0	0	3
Pesca Desportiva Alto Mar	57	0	0	0	5	3	0	0	0	0	5
Surf	75	0	1	0	3	1	0	0	0	0	2
Ténis	675	19	8	25	9	49	61	152	118	6	4
Ténis de Mesa	967	51	37	28	17	58	549	130	211	8	6
Tiro com Armas de Caça	68	0	0	0	5	5	75	43	8	8	6
Tiro de Precisão	218	6	17	37	4	17	158	99	41	10	4
Tiro com Arco	18	2	0	0	1	0	59	0	0	8	1
Vela	324	15	13	0	12	13	61	368	43	5	12
Voleibol	2.736	142	82	112	29	153	2.284	942	324	7	14
Xadrez	250	24	12	19	14	9	27	159	84	7	7
TOTAL	23.619	1.065	1.043	1.816	396	1.243	12.519	5.700	2.888		

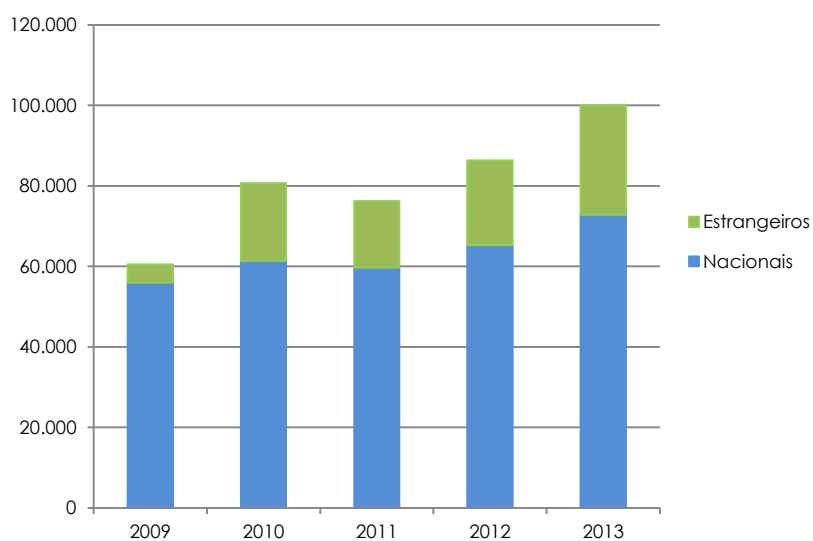
- a) O total não corresponde ao somatório da coluna mas sim ao total de clubes existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.
b) Dados relativos às provas locais, regionais e nacionais não disponíveis.

14. CULTURA

Durante o ano de 2013, a rede regional dos museus da Região Autónoma dos Açores totalizou um volume de visitas na ordem de grandeza de 100 milhares. Este volume incorporou um crescimento  taxa média anual de 15,9%.

Para esta evoluo contribuiu significativamente a componentes de visitantes nacionais, que continua a ocupar uma representatividade dominante, mas a componente de visitantes estrangeiros vem revelando uma progressão a um ritmo mais intenso.

Visitantes aos Museus,
Segundo a nacionalidade



Observando a distribuo das visitas conforme os diversos públicos e modalidades de entradas, verifica-se que as registadas com fins de extensão cultural e de estudo se encontram entre as mais representativas das que se encontram isentas de pagamento.

Já nas entradas pagas, que representaram 38% do total, e para além das mais expressivas do regime normal, destacam-se as de grupos e de reformados, cujas tarifas beneficiam de descontos.

Segundo os dados da Direção Regional da Cultura referentes ao ano de 2013, as bibliotecas públicas e arquivos regionais atenderam 111.203 pedidos de leitura e consulta por parte de utilizadores que solicitaram 118.591 documentos.

Estes números situam-se ao nível dos do ano anterior, particularmente devido à estabilidade no volume atribuído aos serviços de biblioteca e arquivo mais representativos.

Em termos gerais, manteve-se a prática de a maior parte dos utilizadores apenas solicitarem um documento por cada requisição de leitura ou consulta.

Bibliotecas e arquivos Públicos Regionais - 2013

Utilizadores e documentos consultados

Organismo	Utilizadores	Documentos
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo.....	30.069	31.264
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.....	54.919	71.034
Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça – Horta	26.215	16.293
Total	111.203	118.591

Fonte: DRC

Em 2013, as agremiações e grupos culturais com finalidades de execução musical, de dança e de representação cénica, desempenharam as suas atividades através de 100 filarmónicas, 58 grupos de folclore e de 30 grupos de teatro.

Agremiações e Grupos Culturais

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Filarmónicas	1	37	24	4	14	13	5	1	1	100
Grupos de Folclore	2	24	14	1	2	9	5	1	0	58
Grupos de Teatro	1	11	9	1	2	3	2	1	0	30

Fonte: DRC.

15. SAÚDE

Em 2013, na rede regional de centros de saúde executaram-se ações de vacinação que totalizaram 54 milhares de inoculações, indo desde as mais correntes de promoção de saúde pública até as mais específicas de prevenção de eventuais focos de epidemias.

Os atos médicos de atendimento de pessoas à procura de cuidados de saúde traduziram-se nos serviços hospitalares e nos centros de saúde em 616 milhares de consultas e 341 milhares de urgências durante o ano de 2013.

Estes números totais traduzem crescimentos em relação ao ano anterior. A taxa de 1,7% para as consultas integra-se na linha de progressão dos últimos anos, enquanto a taxa de 0,4% nas urgências está mais próxima de um padrão de normalização e estabilização.

Os dados totais revelam também, um certo reforço na proporção dos atos médicos praticados nos hospitais.

Consultas e Urgências

	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Consultas.....	558 002	558 049	563 452	584 328	605 909	616 186
Centros de Saúde*	332 082	315 935	318 957	321 717	334 749	308 883
Hospitais.....	225 920	242 114	244 495	262 611	271 160	307 303
Urgências	430 316	428 215	419 629	382 688	340 160	341 461
Centros de Saúde .	274 380	273 015	256 015	232 218	187 811	163 783
Hospitais	155 936	155 200	163 614	150 470	152 349	177 678

* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Observando agora a procura de serviços prestados por internamento na rede regional de equipamentos de saúde durante o ano de 2013, verifica-se que o número total de 29 225 doentes representa um acréscimo de 1,9% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, atendendo que os mesmos doentes permaneceram internados um menor número de dias, a demora média reduziu-se.

Já o nível de ocupação de equipamentos manteve-se idêntico ao do ano anterior, taxa de 55,7%, atendendo que a par da redução do número de dias de internamento também se registou uma redução na oferta do número de camas.

Internamento

	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Doentes.....	29 116	29 305	29 072	29 309	28 682	29 225
Dias	212 167	211 922	206 874	206 293	201 916	198 153
Lotação.....	1 009	996	983	987	994	975
Demora média (dias)...	7,3	7,2	7,1	7,0	7,0	6,8
Taxa de ocupação (%).	57,6	58,3	57,7	57,3	55,7	55,7

Fonte: Direção Regional de Saúde.

O total de 4 582 milhares de meios complementares dos atos médicos em 2013, representa um decréscimo em relação ao ano anterior.

Este decréscimo ocorre por efeito da quebra na utilização de meios de terapêutica, cujo número de 791 milhares representa um decréscimo médio anual de 11,8%.

No ano anterior tinha-se observado uma quebra, mas nos meios de diagnóstico, que interrompera “uma longa sucessão de registos anuais sempre” crescentes.

Com a quebra deste ano nos meios de terapêutica, reforça-se a redução de consumo de meios complementares por ato médico.

Meios Complementares

	2008*	2009*	2010	2011	2012	2013
Diagnóstico ...	3 338 872	3 490 480	3 799 841	3 994 571	3 745 768	3 791 537
Terapêutica ..	522 594	547 768	589 672	802 399	897 054	791 096
Total	3 861 466	4 038 248	4 389 513	4 796 970	4 642 822	4 582 633

*Foram retificados os dados de terapêutica.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Em 2013, o total de 4 669 profissionais no sistema regional de saúde, representa um acréscimo de 0,1% em relao ao ano anterior.

Registaram-se variaes positivas em diversas categorias profissionais, mas foi a de médicos que contribuiu de forma mais expressiva para o alargamento dos níveis de qualificao dos recursos humanos ao serviço nas estruturas de saúde.

Pessoal

	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Médicos.....	491	495	541	515	531	565
Enfermeiros	1 336	1 311	1 388	1 403	1459	1449
Técnicos de diagnóstico e terapêutica	257	265	276	295	306	308
Outro pessoal	2 433	2 367	2 341	2 347	2 367	2 347
Total	4 517	4 438	4 546	4 560	4 663	4 669

Fonte: Direo Regional de Saúde.

Observando a distribuo territorial por ilhas verifica-se maior dispersão em atos mais representativos de medicina preventiva e primeiro atendimento, como os casos de profilaxia e de consultas em geral.

Já a utilizao de diagnósticos e internamento de doentes localizam-se de forma proporcionalmente mais intensa nas ilhas que dispõem de equipamentos com valências de maior especialidade, cujos raios de ao se alargam para lá da sua área de localizao, abrangendo outras ilhas.

Distribuo por ilhas

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Profilaxia.....	1 221	32 316	11 537	803	1 567	3 046	3 162	583	0	54 235
Consultas	6 129	336 871	139 116	10 402	13 231	23 907	72 782	11 649	2 099	616 186
Doentes.....	512	16 525	6 776	309	765	695	3 381	262	0	29 225
Lotao	20	497	221	16	53	41	108	17	2	975
Diagnósticos	72 305	1 972 386	1 026 815	85 007	86 461	182 323	323 200	42 928	112	3 791 537
Médicos	3	308	162	3	6	16	63	3	1	565

Fonte: Direo Regional de Saúde

16. SEGURANÇA SOCIAL

Em 2013, as contas da Segurança Social registaram um total de 225,7 milhões de euros de receitas e de 210,5 milhões de euros de despesas, saldando-se num valor positivo de 15,3 milhões de euros.

Contrapondo as receitas originadas diretamente pelas contribuições às despesas com as prestações dos diversos regimes da segurança social, isto é, excluindo as componentes com despesas de ação social e de administração, o saldo cifra-se em 89,5 milhões de euros, no mesmo período.

Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2011	2012	2013
Receitas.....	222 617	217 037	225 725
Contribuições.....	203 159	196 903	208 558
Rendimentos	2 681	2 220	1 356
Outras.....	16 777	17 914	15 811
Despesas	197 240	206 189	210 453
Prestações dos regimes*	103 485	118 770	119 019
Ação Social.....	58 011	60 747	63 412
Administração e outras	35 744	26 672	28 022
Saldo (Receitas – Despesas)	25 377	10 848	15 272
Saldo (Contrib. –Prestaç.)	99 674	78 133	89 539

* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

As despesas com prestações dos regimes no valor de 119,0 milhões de euros durante o ano de 2013, representam um acréscimo nominal de 0,2% em relação ao anterior.

A intensidade relativamente moderada desta variação média anual decorreu da contenção em diversas rubricas, como a registada em Rendimento Social de Inserção com uma redução do seu montante anual agregado.

Já algumas rubricas, nomeadamente mais associáveis a situaes de desemprego, continuaram a crescer significativamente.

Despesas – Prestaes dos Regimes

1 000 Euros

	2011	2012	2013
Rendimento Social de Insero	16 443	17 702	17 316
Subsídio Social de Desemprego/provisório/majorao .	6 110	8 198	9 000
COMPAMID *	2 772	1 557	1 138
Regime Não Contributivo	1 709	2 382	2 081
Regime Transitório dos Rurais	1	0	0
Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrícolas	1 135	1 057	971
Subsídio Social na Maternidade.....	1 199	1 191	1 192
Proteo Familiar	25 956	25 227	25 235
Prestaes Sociais.....	1 975	3 258	2 004
Reparto - Regime Geral (Desemprego)	46 079	57 717	59 633
Políticas Ativas de Emprego e Formao Profissional	106	481	449
TOTAL	103 485	118 770	119 019

* Complemento para aquisio de medicamentos pelos idosos (DLR n4/2008/A, de 26 de Fevereiro).

Fonte: CGFSS.

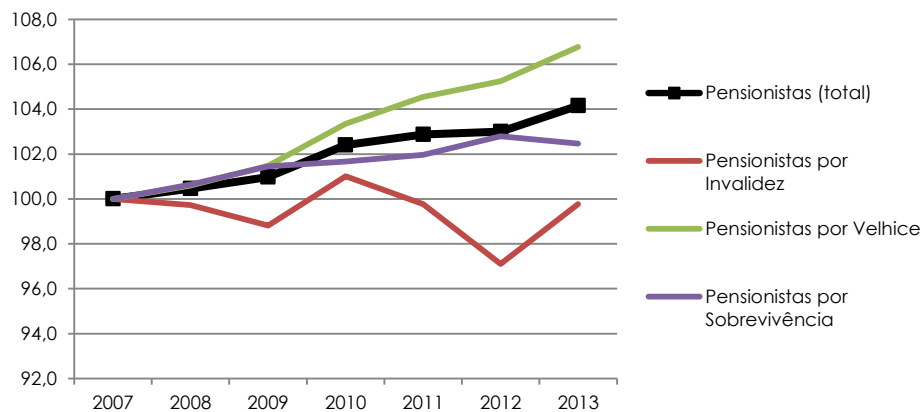
O número total de 49 931 pensionistas registados no sistema de Segurança Social em 2013 representa um acréscimo de 1,1% em relao ao ano anterior.

Esta variao decorreu, sobretudo, da evoluo no grupo de pensionistas por velhice que, além de ser o mais representativo com mais de metade do total, tem vindo a crescer de forma mais intensa.

Já o número de pensionistas por invalidez tende a estabilizar em termos médios, flutuando  volta do nível registado em 2007.

Pensionistas da Segurança Social

(Índice base 2007)



O volume de 63,4 milhões de euros com despesas de ação social representa um crescimento de 4,4% em relação ao ano anterior.

Neste âmbito da Ação Social, a componente Família e Comunidade prosseguiu na linha de evolução já observável em anos anteriores, registando-se uma intensidade de variação aparentemente associável a alterações significativas de condicionamentos sociais.

Despesas – Ação Social

1 000 Euros

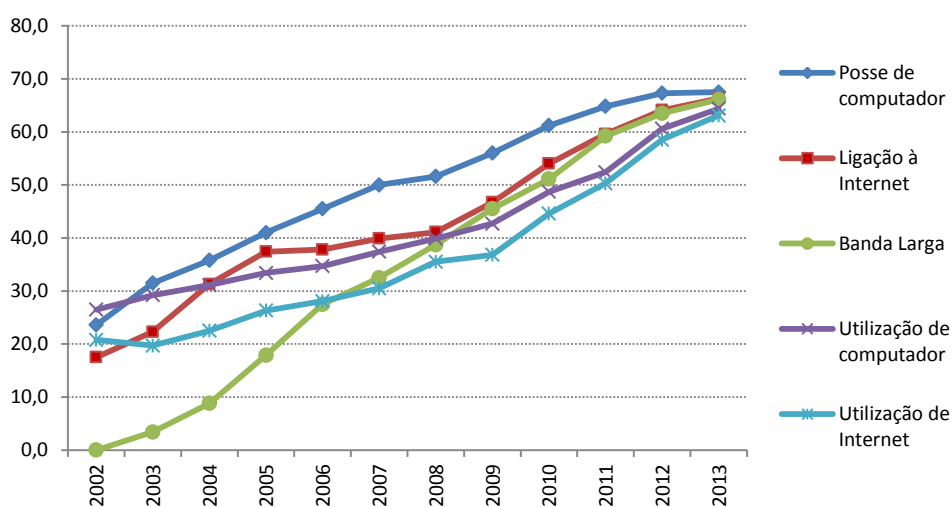
	2011	2012	2013
Infância e Juventude.....	29 049	28 867	28 563
Família e Comunidade	12 269	15 031	17 272
Invalidez e Reabilitação	4 828	4 669	4 729
Terceira Idade	11 865	12 180	12 848
Total.....	58 011	60 747	63 412

Fonte: CGFSS.

17. SOCIEDADE DA INFORMAO

Os dados do Inquérito à utilizao de Tecnologias da Informaco e da Comunicao pelas Famílias são reveladores da evoluo positiva do acesso às TIC pelas famílias.

Evoluo de Tecnologias de Informaco e de Comunicao nos Agregados Domésticos - RAA



Em 2013, 67,5% das famílias nos Açores têm acesso a computador em casa, 66,3% dispõem de ligao à Internet e 66,4% têm acesso a banda larga.

A Região posiciona-se acima da média, quer em termos de acesso (posse de equipamentos e ligaoes respetivas), quer de utilizaoes efetivas dos computadores e de ligaoes à internet.

Durante o ano de 2013 continuou o processo de difusão de tecnologias de comunicao, através do acesso de mais famílias que, simultaneamente, aumentaram a frequência utilizaoes.

Distribuio por Regiões, em 2013, de TICs nos Agregados Domésticos

Unidade: %

	Posse de computador	Ligao à Internet	Banda Larga	Utilizao de computador	Utilizao de Internet
Portugal.....	66,7	62,3	61,6	64,0	62,1
Norte.....	65,3	59,5	58,2	58,2	56,3
Centro.....	62,1	56,1	55,4	60,0	57,5
Lisboa.....	74,8	72,6	72,3	76,4	74,9
Alentejo.....	55,7	51,7	51,3	58,1	56,1
Algarve.....	64,4	61,8	61,2	65,5	64,2
R. A. Açores.....	67,5	66,3	66,1	64,4	63,1
R. A. Madeira.....	66,1	64,1	63,8	61,8	59,6

Fonte: INE.

No contexto anterior, mas agora no âmbito de utilizao individual pelos respetivos membros com idades entre os 16 e 74 anos, verifica-se que 64,4% utilizam computador, 63,1% acedem à internet e 14,6% utilizam o comércio eletrnico.

Pessoas entre 16 e 74 anos que utilizam computador, Internet e comércio eletrnico, em 2013

Unidade: %

	Computador	Internet	Comércio eletrnico
Portugal.....	64,0	62,1	14,8
Continente.....	64,0	62,1	14,7
Norte.....	58,2	56,3	12,3
Centro.....	60,0	57,5	14,6
Lisboa.....	76,4	74,9	18,4
Alentejo.....	58,1	56,1	14,0
Algarve.....	65,5	64,2	14,0
R. A. Açores.....	64,4	63,1	14,6
R. A. Madeira.....	61,8	59,6	15,6

Fonte: INE.

